



QUANDO
SER SE

DESATA

MAVIL

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Design

Quando Ser se Desata

Testemunho poético da inquietude
como fervor para a metamorfose em
livro-objeto

Mariane Helena Farias Vilarim Pereira
Recife, Agosto de 2025

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Design

Quando Ser se Desata

Testemunho poético da inquietude
como fervor para a metamorfose em
livro-objeto

Mariane Helena Farias Vilarim Pereira

Memorial descritivo do Projeto de Conclusão de curso, apresentado à Banca Examinadora do Curso de Design da Universidade de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Design sob a orientação da Professora Oriana Duarte e coorientação da Professora Isabella Aragão.

Recife, Agosto de 2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Pereira, Mariane Helena Farias Vilarim.

Quando ser se desata: testemunho poético da inquietude como fervor para a metamorfose em livro-objeto / Mariane Helena Farias Vilarim Pereira. - Recife, 2025.

66p : il.

Orientador(a): Oriana Maria Duarte de Araújo

Coorientador(a): Isabella Ribeiro Aragão

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Design - Bacharelado, 2025.

Inclui referências.

1. inquietude. 2. metamorfose. 3. livro-objeto. 4. design autora. I. Araújo, Oriana Maria Duarte de. (Orientação). II. Aragão, Isabella Ribeiro. (Coorientação). IV. Título.

700 CDD (22.ed.)

Banca Examinadora

Prof. Oriana Maria Duarte de Araújo
(Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Isabella Ribeiro Aragão
(Coorientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Silvio Romero Botelho Barreto Campello
(Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Gabriel de Souza Silva
(Examinador externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Agradecimentos

Nessas linhas escrevo movida por um sentimento profundo de gratidão a quem, de formas tão diversas, foi abrigo, faísca, confronto e afeto. Meu coração pulsa reconhecimento por cada olhar que me sustentou quando eu mesma duvidei de ficar de pé.

Aos educadores que me atravessaram com perguntas, provocações e palavras que viraram pontes em noites de incerteza — suas vozes seguem como força que me ergue.

Às queridas amigas Josy e Kelly, meu sopro de coragem nos primeiros passos da universidade — vocês foram farol e abraço quente, o evento canônico que mudou tudo em mim.

Aos amigos do JSUI Designe, companheiros de trabalhos, madrugadas, sorrisos e devaneios — meu peito é de vocês, obrigada por partilharem tanto da bagunça bonita que é criar junto.

À professora Oriana, minha benquerença imensa — pelos ensinamentos, pelo incentivo ao meu eu artístico e pelas aventuras de produções experimentais dentro e fora do laboratório de plástica.

À professora Isabella, minha profunda admiração — pelas provocações, pelas conversas, pelo olhar generoso que clareou caminhos quando a mente estava turva.

À professora Cris Ibarra, minha gratidão viva — por abrir janelas para o design latino-americano e pluriversal, por me encantar com outras possibilidades de fazer, pensar e existir.

À minha família, toda gratidão por segurar minha mão enquanto floresço — o amor de vocês é meu chão seguro.

Às minhas lindas filhas Mel e Mona, que muito me salvaram com lambidas, brincadeiras e passeios — amor que encheu de leveza meus dias mais duros.

À minha companheira, fotógrafa, ouvinte, leitora e guardiã de todas as minhas noites insones — obrigada por ser casa, cuidado e afeto. Te amo, baby.

E a mim mesma, que todos os dias me reconheço mais viva, mais múltipla, mais inquieta — que eu nunca esqueça de agradecer por não desistir de ser.

"Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações.

Ailton Krenak em Ideias para adiar o fim do mundo.

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga a inquietude como força de metamorfose, deslocamento e reinvenção, materializada na trilogia de livros-objeto "Quando Ser se Desata", composta pelas obras Nó, Desatar e Ser. A pesquisa articula práticas de design, poesia, fotografia, pintura e ilustração, aliadas a uma metodologia autoetnográfica, para criar objetos narrativos que exploram ciclos, rupturas e processos de transformação. A artista propõe que cada livro seja um testemunho sensível da inquietude como estado de fluxo, articulando texto, imagem e matéria. O resultado é uma obra híbrida que convida o público a experienciar o desatar de identidades fixas, celebrando a metamorfose como possibilidade de existência.

Palavras-chave: inquietude, metamorfose, livro-objeto, design autoral.

Abstract

This final paper investigates unrest as a force of metamorphosis, displacement and reinvention, materialized in the trilogy of object-book "Quando Ser Se Desata", composed of the works Nô, Desatar and Ser. The research weaves design practice, poetry, photography, painting and illustration with an autoethnographic approach to create narrative objects that explore cycles, ruptures and transformation processes. The artist proposes that each book stands as a sensitive testimony of unrest as a state of flow, merging text, image and materiality. The result is a hybrid work that invites the audience to experience the untying of fixed identities, celebrating metamorphosis as a way of being.

Keywords: unrest, metamorphosis, object-book, authorial design.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1. Apresentação | 10 |
| 1.2. Objetivos | 12 |
| 1.3. Justificativa | 12 |
| 1.4. Metodologia | 13 |
| 2. Processos e Ensaio para um Desatar: camadas, rupturas e reinvenções | 15 |
| 2.1. Nó | 34 |
| 2.2. Desatar | 45 |
| 2.3. Ser | 56 |
| 3. Próximos Passos | 63 |
| 4. Considerações finais | 64 |
| 5. Referências | 65 |
| 5.1. Bibliográficas | 65 |
| 5.2. Audiovisuais | 66 |

Apresentação

Começo esta delação metamórfica dizendo que o objetivo deste trabalho é desreprimir a mim e aos outros: é um chamado para se questionar, para se desatar de qualquer sentimento, pensamento ou gesto que aprisione, diminua ou esconda a beleza de existir como se é, como se vê, como se sente. Digo também que esta não é uma jornada em que a tranquilidade caminha junto — ela só aparece como abraço no fim, quando se atravessa tudo e, ainda assim, permanece-se. É um percurso que pode ser torto, solitário e confuso, mas quem escolhe percorrê-lo encontra a pluralidade de existir.

Desde pequena, nunca correspondi ao ideal que esperavam de mim. Sempre fui a "estranha", a menina de gestos, energia e aparência que não cabiam no molde das outras. Cresci ouvindo ofensas, piadas, comentários que doíam mesmo quando eu não entendia bem o motivo. Eu apenas existia: com meu fenótipo, meus trejeitos, minha alegria de ser criança.

Quando algo me incomodava, eu perguntava, retrucava, queria entender. Muitas vezes fui silenciada por quem se escondia na autoridade ou na idade. Aos poucos, percebi que aquelas vozes passaram a morar em mim. Para sobreviver, tentei ficar invisível. Segurei quem eu era, escondi pedaços meus, me forcei a caber. E, nessa tentativa de caber, muitas vezes me feri sem perceber.

Mas a inquietude nunca foi embora. Mesmo calada, era ela que me empurrava para fora do óbvio. Um fervor que me fez perguntar de onde vinham as dores, os medos, as vergonhas — e que me fez remexer lembranças, visitar feridas, reconciliar tudo que tentaram apagar.

Como nos confessa Audre Lorde:

"[...] porque a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de auto-revelação, e isso parece estar cheio de perigos." (Audre Lorde, 2019, p. 46)

O que se segue, portanto, é este gesto: um chamado para romper com o silêncio herdado e dar forma às inquietações que insistem em existir.

Quando Ser se Desata: Testemunho poético da inquietude como fervor para a metamorfose em livro-objeto nasce desse impulso. É um gesto de quem se escolhe de novo, de quem aceita o risco de se refazer. Não é um projeto fixo — é um caminho vivo, feito de camadas, descobertas e tentativas.

Nesta trilogia, dividida em momentos-chave de mudança, sem ordem linear, investigo, registro e mergulho em memórias, sentimentos, pensamentos e vivências que, por muito tempo, me mantiveram contida — e que hoje me empurram para fora desse não-lugar.

Reúno linguagens que sempre me foram abrigo: poesia, fotografia e pintura. São formas que dizem o que as palavras sozinhas não alcançam. Assim, registro o que é ser permitir estar em mudança constante, sem medo de estranhar, desmontar e refazer.

A construção desses livros respira essa premissa do contar. Cada página, cada dobra e cada costura foram pensadas para narrar essa travessia e convidar quem lê a se deixar tocar pela experiência. Este trabalho é também um

convite: que ser diferente não pese, mas impulsione. Que a mudança não assuste, mas liberte. Que a inquietude nos empurre a inventar outros jeitos de ser.

Se é para não caber, então que eu transborde. Que eu seja mudança viva. Que eu me desate quantas vezes for preciso. Que eu me permita perguntar, desfazer, refazer. Sempre.

Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo geral promover a desconstrução de padrões internos e externos que aprisionam a expressão autêntica do ser, estimulando o questionamento e a libertação de sentimentos, pensamentos e atitudes limitantes. Busca-se compreender e representar, por meio da produção de uma trilogia de livros-objeto, a metamorfose pessoal e a inquietude como forças propuloras da transformação existencial.

Objetivo Específicos

- Mapear e documentar experiências, memórias e emoções que marcaram o processo de reinvenção;
- Explorar as linguagens da poesia, fotografia e pintura como meios de expressão dessas transformações;
- Construir um artefato artístico cuja estrutura e narrativa sensível promovam uma experiência imersiva para o leitor, permitindo o engajamento com a fluidez e complexidade da identidade em movimento.

Justificativa

Este trabalho nasce da necessidade profunda de ouvir a voz interna que insiste em existir, mesmo quando o mundo tenta silenciá-la. Desde a infância, minha presença — marcada por um corpo e uma identidade que escapavam aos padrões — foi percebida como estranha, um deslocamento numa ordem que insiste em ser homogênea. Essa estranheza, embora geradora de dor e isolamento, também abriu espaço para o questionamento, para a criação

e para a mudança.

Inquietar-se é permitir-se mover e refazer-se, descobrir outras formas de estar no mundo. Trata-se de um gesto de resistência, uma energia que, apesar do sofrimento que pode carregar, promove o autoconhecimento e conduz à reconstrução de si — em um processo contínuo de transformação (hooks, 1990).

Vejo a inquietude como a força que cria o ser metamorfo, aquele que recusa a estagnação, que não se contenta com uma única forma de ver, sentir e existir. É um ser que desafia o medo e se ancora na coragem de se mover. Para Latini, "a metamorfose se apresenta como uma fuga desesperada, incapaz de modificar, por si mesma, a realidade com a qual nos defrontamos, e modificando, por sua vez, o sujeito que não suporta o mundo em que se encontra." (PFEIL, 2024).

Inspirada pelo conceito de "escrever a si mesmo", apresentado por Foucault (2024), construo uma poética do auto-reconhecimento, costurando fragmentos de memórias e vivências que revelam a complexidade de um eu que se move.

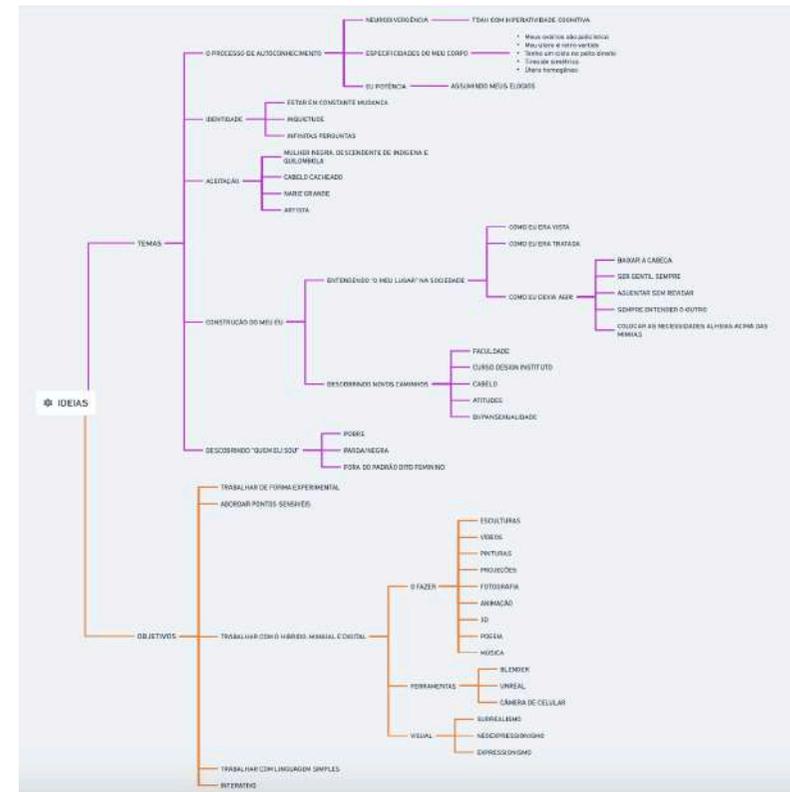
A escolha do livro-objeto vai além de um suporte: ele se faz corpo sensível e interativo, onde palavras, imagens e texturas criam um diálogo aberto com quem lê. Como defende Paulo Silveira (2008), o livro-objeto rompe com a linearidade e abre espaço para múltiplas leituras — essência que sustenta este trabalho.

O processo de criação é uma travessia emocional e sensorial, que explora os encontros entre memória, dor e

gesto criativo. Aproxima-se da perspectiva de Rolnik (2018), que entende o enfrentamento das emoções como um mergulho investigativo. Através da poesia, da fotografia e da pintura — linguagens que sempre foram meu abrigo — busco dar forma ao que escapa das palavras comuns, aproximando-me da ideia de corpo vivido proposta por Grosz (1994), onde o eu se revela no movimento e na transformação.

Este trabalho é um convite para ver a inquietude não como peso, mas como energia que empurra para além do que está posto, abrindo brechas para outras formas de existir e contar histórias. Que desatar-se seja visto como rito de passagem, onde o estranho é acolhido e a metamorfose se firma como estado contínuo de renovação.

Metodologia



A metodologia deste trabalho se organizou em etapas definidas, costurando pesquisa conceitual, prática de design, experimentação material e escrita autoral. A primeira etapa foi criar mapas mentais, que me ajudaram a visualizar temas, conexões e caminhos possíveis. A partir deles, defini as linguagens principais: poesia, fotografia, pintura e ilustração — escolhas que já habitam minha prática há anos.

Em seguida, mergulhei em uma pesquisa teórica sobre a inquietude como força de transformação, guiada por leituras de Treuisan e o artigo "O propósito de nossa inquietude". Também busquei inspiração em artistas que transbordam reinvenção: FKA twigs, com sua forma de remodelar a própria identidade a cada obra; Pitty, em suas canções que misturam força e delicadeza; e Ney Matogrosso, com suas performances diretas, viscerais e livres.

Com o conceito alinhado, construí um moodboard para reunir referências visuais, cores e texturas que direcionaram o trabalho. Escolhi materiais por suas qualidades táteis, simbólicas e estruturais: papéis variados, papelão Paraná, tule, papel vegetal, fita crepe, tintas, sprays e quadros. A partir disso, surgiram palavras-sentimento, que se tornaram sementes para as poesias — escritas livremente, sem moldes fixos.

Para as fotografias, montei sets simples, testei luzes, capturei imagens e explorei a edição de forma intuitiva no Photoshop, usando limiar, degradê, dissolver e Camera Raw como aliados para experimentar. Também desenvolvi ilustrações com técnicas manuais e uma série de pinturas em aquarela, inspiradas por movimentos capturados em vídeo no celular — um diálogo entre corpo, gesto e cor.

Com todo o material reunido, fiz a seleção e organização para definir o que realmente ganharia forma nos livros. A leitura de Indie Publishing, de Ellen Lupton, junto às experiências vividas nas disciplinas de plástica para o design, design editorial e experimentações tipográficas, deram base técnica para planejar montagem, dobras e encadernações alternativas. Em seguida, montei protótipos — as chamadas "bonecas" — para testar encaixes, cortes e estruturas, ajustando cada detalhe.

Por fim, construí as versões finais dos livros-objeto e realizei o ensaio fotográfico que registra este resultado. Neste memorial, apresento cada fase — da ideia à materialização — mostrando como o processo se faz testemunho da inquietude transformada em forma viva e concreta.

Processos e Ensaios para um Desatar: camadas, rupturas e reinvenções

Às 21 horas do dia 9 de dezembro, tomei a firme decisão de abraçar a inquietude como tema central deste trabalho — como impulso vital para a mudança. Essa escolha surgiu logo após eu ter sido alvo de agressões verbais na rua, motivadas apenas pela forma como me vesti, por não corresponder aos padrões. Parecia uma resposta direta, quase brutal, a qualquer dúvida que ainda pairasse em mim.

A partir desse instante, delimitarei dois focos de investigação: a inquietude como forma metamórfica (buscando traduzi-la visualmente a partir das minhas vivências e das de outras pessoas), e a inquietude como movimento de transformação — questionando identidades rígidas, explorando ciclos, camadas e reinvenções de quem se reconhece em fluxo. Ao longo do percurso, contudo, escolhi aprofundar a investigação de forma pessoal, centrada na minha própria experiência.

Para dar força a esse caminho, perpassei em leituras que ampliaram meu olhar para o tema. Pascal, por exemplo, foi uma lente existencial. No artigo "O apologista da inquietude", Treuisan destaca como o filósofo revela que "o homem é um rei destronado" (PASCAL apud TREUISAN, 1992), marcado pela angústia de ter perdido sua harmonia original (uma fissura que gera uma busca incessante por completude). Essa busca, muitas vezes frustrada, também se revela motor de criação: "O coração tem suas razões que a própria razão desconhece", essa frase me atravessa, pois fala de uma verdade intuitiva, uma força que pulsa mesmo quando não é inteiramente compreendida.

Outros fragmentos vieram do artigo "A propósito de nossa inquietude", em que diferentes autores exploram a inquietude como algo que revela falhas e insatisfações morais. "A crítica moral ou o insulto moral podem se transformar em uma forma de denúncia que questiona as normativas sociais vigentes" (ABREU, 2018), isso ecoa minha própria vivência: a inquietude não é apenas individual, mas coletiva, um movimento de desencaixe, uma recusa a padrões engessados.

A metamorfose, tão frequentemente retratada no reino animal — especialmente entre insetos — sempre me fascinou. A borboleta, símbolo quase universal de transformação, nunca me bastou por completo; desde o início, busquei outras metáforas que ampliassem esse sentido. Foi assim que encontrei abordagens que tensionam a metamorfose de forma mais sensorial e plástica. Um exemplo marcante é o trabalho do artista espanhol Miquel Barceló, que reinterpretou *A Metamorfose, de Franz Kafka*, em uma série de gravuras, esculturas e pinturas. Em suas séries, Barceló cria figuras diluídas, quase orgânicas, sugerindo corpos em mutação. Assim, constrói uma metamorfose visual, uma narrativa de deformação que escapa à rigidez da linguagem.

Além das artes plásticas, encontrei ecos dessa pulsão no audiovisual. A artista FKA twigs transborda reinvenção em cada faixa e videoclipe do álbum *EUSEXUAL*. Suas canções e performances revelam fragmentos, desejos e deslocamentos, criando uma narrativa visual que desafia

os limites do corpo e expõe a essência de um ser em constante transformação. Já Pitty, com seu álbum *Admirável Chip Novo*, abre feridas e escancara realidades mundanas e desejos profundos, com músicas fortes e viscerais que rasgam o silêncio. E há também Ney Matogrosso, que faz de sua presença uma afirmação de liberdade: natural em ser e estar, se deixando ver — bicho solto, entregue ao desejo de existir sem amarras.

PARA QUE UMA NOVA
PESADA VAI FICAR
MUITO MAIS LUCRO
E VIDA

MEU TAMBÉM
MEU DE FAVORITO
TUO PARECE
E PARECE LUCRO
DA SUA NOVA
HISTÓRIA

**Se você só fizer
o que sabe,
nunca será nada
além do que
já é.**

**VOCÊ SE TORNA LIVRE
PRA VIVER
SUA IDENTIDADE
QUANDO OS APLAUSOS
NÃO TE ILUDEM E A
REJEIÇÃO NÃO TE FERIR.**

**SEJA LIVRE
DO PESO DAS
EXPECTATIVAS
DOS OUTROS.**

**VIVA.
DIGA.
SINTA.
SEJA.**

**A MESMA
NO ENTANTO
OUTRA**

**EU NÃO QUERO
PARAR DE PENSAR
EM OVOES
EM
QUERO ABRIR
SER EU
MELHORA**

o do

se mesmo sempre paro e continuo aqui,
sem fim.

**"Quando se vive assim tão perto do mar,
não é a linha do horizonte que domina,
mas o movimento próximo das águas.
Em eterna mudança, em eterno fascínio."**

**Moro do que há no mundo:
do que vi, do que ouvi.
Moro do que vivi.
Moro como, apenas,
com lembranças amadas,
porém desesperadas.
Moro cheia de asombro
por não sentir em mim
nem princípio nem fim.
Moro: e a circunferência
fica, em redor, fechada.
Dentro sou tudo e nada"**

-Cecília Meireles

**"Se eu não tivesse me
definido para mim mesma,
teria sido esmagada pelas
fantasias que outras pessoas
fazem de mim e teria sido
comida viva."**

Annie LeBaron

**BUSQUEL IS A PRACTICE
BUSQUEL IS A STATE OF BEING
BUSQUEL IS THE PARABLE OF HUMAN EXPERIENCE**

**Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante**

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

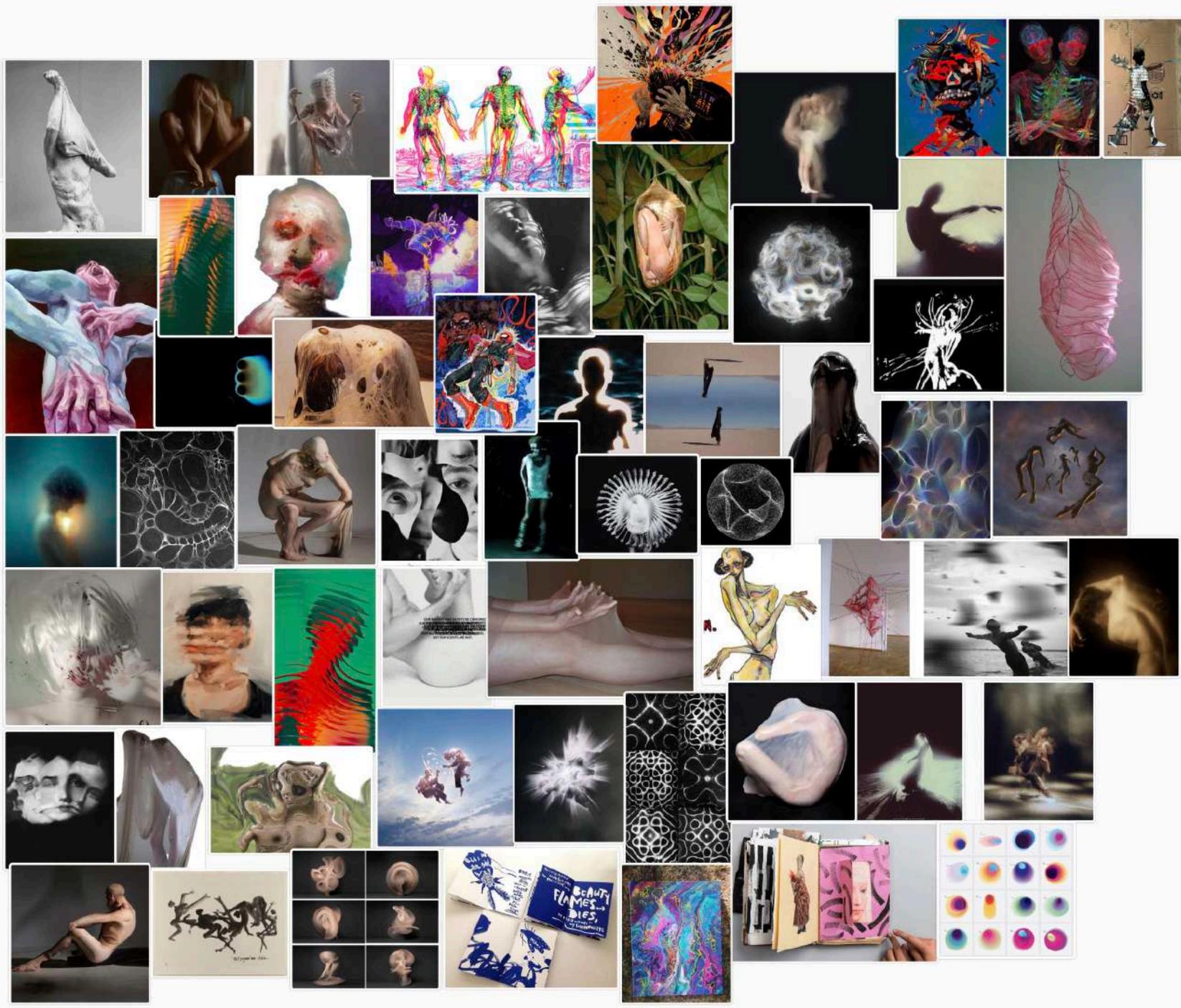
Um certo tipo não é mesmo o mesmo
Metamorfosando-se

Modo (livre) de ser, 1977
Modo (livre) de ser, 1977
É sempre contraditório, hoje em, amanhã não
É sempre contraditório

**A VIDA
É FEITA
ENTREGAR
E TER QUE
IR
EMBORA**

VIVER NÃO É LINHA RETA

**Stranger
In a dark room
Dancing
Almost lost you**



Inspirada por essas e outras referências, construí o moodboard que aparece acima, reunindo imagens, sensações, texturas e evocações. Essa colagem visual me ajudou a dar forma ao que antes era apenas pensamento disperso, transformando inquietude e metamorfose em pistas concretas para o meu processo criativo.

Com as linguagens definidas e as referências visuais mais nítidas, iniciei a etapa de busca e aquisição de materiais. Foram muitas idas ao centro da cidade. A cada nova necessidade, eu ponderava se aquele item realmente faria diferença no processo de criação e no resultado final, ou se poderia adaptá-lo, reutilizando algo guardado em minhas caixas de materiais.

Para as ilustrações, usei materiais que já possuía e complementei com diferentes tipos de papéis (variando cores, texturas e efeitos) para ampliar as possibilidades de experimentação. Minha intenção era ter à mão, suportes que estimulassem uma criação mais livre e intuitiva. Além de ilustrar, quis retomar a prática do recorte, como fazia na infância, quando recortava páginas de revistas para criar colagens misturadas, um gesto que sempre me acompanhou.

A fotografia sempre foi o espaço onde pude revelar meu olhar de forma direta, quase imediata. Era natural que as ideias surgissem rápido. Uma delas foi criar uma performance com tecido, simbolizando uma luta silenciosa: o embate entre o desejo de transformação e a força de contenção — quase invisível, mas constante. Para isso, busquei um tecido leve, transparente, fino e elástico, capaz de sugerir essa tensão entre restrição e liberdade.

Também adquiri um papel vegetal em formato A0, esco-

lhido para criar uma atmosfera fosca, filtrando a visão — um espaço onde se revela apenas o que se deseja mostrar. Para potencializar a linguagem visual e manipular o set de fotografia, comprei luzes que me permitiram brincar com contrastes, sombras, volumes e texturas, reforçando a narrativa da inquietude.

Na pintura, os materiais iniciais foram giz pastel, quadros, tintas e pincéis, alguns reutilizados, outros recém-adquiridos. À medida que o trabalho avançava, senti a necessidade de abrir espaço para novas possibilidades — foi assim que decidi explorar a aquarela, abrindo caminho para técnicas e resultados que conto em detalhes mais adiante.



Comecei pelas poesias. Revisitar memórias e reler antigas escritas fez parte dessa primeira fase, um movimento de retorno que serviu de impulso para muitas etapas que viriam depois. À medida que lia, lembrava e sentia, fui tomada por um fluxo de palavras-sentimento que se acumulavam na ponta da língua, urgentes para existir. Era como se o corpo-memória despejasse essas evocações, querendo contar o que por tanto tempo ficou guardado. Anotei essas palavras-sentimento como uma lista viva, uma base para compor os textos-poemas, mas sem me

Palavras-sentimento

| | |
|------------------------|---------------------|
| Inquietude | Sobreposição |
| Metamorfose | Reinvenção |
| Transformação | Mudança |
| Fluidez | Desapego |
| Ciclos | Caos criativo |
| Identidade | Experiência pessoal |
| Ressignificação | Diversidade |
| Pluralidade | Rejeição de rótulos |
| Impermanência | Ruptura |
| Libertação | Expressão |
| Autoconhecimento | Desafios |
| Crescimento | Acolhimento |
| Desconforto | Liberdade |
| Renascimento simbólico | Fluxo constante |
| Fragmentação | |

prender apenas a elas. Deixei também que o instante, o pulso e o que surgisse do agora costurassem cada verso.

Ao iniciar essa jornada, dei forma a diversos relatos em poesia, permitindo que os sentimentos transbordassem em avalanche. Recorri também às anotações guardadas em blocos de notas virtuais, pequenas cápsulas de pensamentos que voltaram a respirar. Foram momentos intensos, escritos em diferentes dias, lugares e estados de espírito.

Nesse mergulho, percebi o quanto mover-me por dentro, escavar memórias e agir no mundo, transformava também meu olhar sobre mim mesma. Mas esse processo me acendeu um alerta: é preciso vigiar os velhos discursos que voltam disfarçados de cuidado e proteção, tentando conter o que pede para ser dito.

Como fumaça me sufoca,
me embarga, me inflama.
Vem me visitar em momentos de
ânsia.
Não respeita, nem espera.
Me revira o avesso.
Lá vejo o desejo.
Por que dói?

Ele tá me destruindo,
Cada dia um pouco.
Corro, me escondo
Sem sucesso!
Me achou e novamente...
Cá estou no labirinto
E a trilha do abismo está mais perto.
Luto para ir de contra.
-Seu infame! Me deixe em paz!
Grito silencioso no meu peito
conturbado.
No rosto, pacífico...
Mas meu desespero inominável dita –
labirinto, labirinto, volte!
Preciso sair, preciso!

O **medo** é a barreira erguida
para tentar impedir o que está,
se sente, se vê, se ouve, se toca e
se engole.
A **mudança** é inevitavelmente
necessária.
Deixe-a te tomar.

a **leveza**
a **sutileza**
a **frequência**
a **velocidade**
a **queda**
a **dor**
a **morte**
a **ressurreição**
o **ciclo**
uma questão
como?
como consigo ir do céu ao inferno
em **segundos**?

acelerado
acelerado, cada vez mais acelerado
sem parar, em frente, em frente
uma pausa...
tum
tum
tum, tum
tum, tum... tum, tum
dancei com o relógio
não vi o tempo passar
dias acelerados
nota-se em cada perpasso
em cada compasso
do meu palpitar

Sopra!
Sopra longe! Distante!
Se der, me leva junto.
Quero ver o mundo.
É que daqui sou cego.
Frustrado, quieto.
Não quero!

Declarações jamais entregues
Poesias jamais lidas
Versos nunca formados
Linhas sem escritas
Palavras não ditas
Me sinto covarde nesse verso
Me sinto covarde sobre a vida.

Feito, desfeito
vejo pontos
mas não um rumo
o sólido é frágil?
a certeza, dividida em
pedaços incertos.
futuro concreto?
aleatória
é meu? será?
sou eu?
choveu
entendeu?
louco?
não!
são só fragmentos de uma mente
vagante.

Receio de ser, de sentir, de seguir.
Receio de ter, de viver, de desabrochar.
Receio da água gelada do balde de
quem joga.
Receio de voar com asas tão lindas e
fortes porque disseram "tenho receio
por elas".
Receio de desejar, de chorar, de pular.
Receio de correr, de mexer na ferida, de
tirar o band-aid.
Tantos receios que tenho receio de me
tornar apenas o dito aqui.
Receio.

Não sou uma só!
Já vi e vivi várias de mim.
Desejo-me assim,
explorando lugares
que não vi ou vivi

Aqui me sinto sugada
Sem sonhos, sem devaneios, sem
nada.
Aqui me sinto roubada
De mim, de quem posso ser, de me
sentir amada.
Aqui me sinto estrangulada
Por palavras que preciso engolir
para não ser ainda mais devorada.
Daqui não espero nada
Pois só me entregaram desilusões e
fabulas.

Trago profundamente cada
segundo da vida. Vivo imensamente
cada cigarro desse maço que ponho
entre meus lábios. A diferença entre
ambos é que um escolhi, o outro fui
subordinado.

Marcada por **conflitos**,
contradições, **transformações**.
Sentindo o insuficiente por
convicções alheias
que puxam e afogam, e afogam.
A velha opinião hereditária
A vilã que fez morada nas mentes
antigas e que invadem e
bombardeiam as mentes jovens
em nome da **rotulação** exemplar.

Antes de começar a fotografar, dediquei um tempo à pré-produção: revisei referências, experimentei ângulos de luz e possibilidades de enquadramento dentro do meu quarto, pequeno e antigo, mas que se tornou cenário e laboratório. Minha namorada esteve presente em cada detalhe — foi modelo, fotógrafa e parceira de criação, seguindo minhas direções cena por cena.

A proposta era criar uma iluminação e um ângulo singulares para cada momento, representando os sentimentos despertados pelas poesias e palavras-sentimento. Cada material escolhido precisava dialogar com a luz, revelando o que valia permanecer e o que poderia ser deixado de lado.

Depois dos primeiros testes, compreendi como a luz se comportava naquele quarto de paredes brancas, que refletiam intensamente. Para registros mais dramáticos, focados em silhuetas e contornos, bastava um ponto de luz, ajustando a intensidade conforme a distância do ring light em relação à parede — quanto mais perto, mais concentrado; quanto mais longe, mais suave.

Para capturar detalhes do rosto, de texturas ou gestos, precisei de ao menos dois pontos de luz: uma luz de fundo, voltada para a parede, criando um recorte e destacando a silhueta, e outra luz para preencher e evidenciar os detalhes que eu queria mostrar.

Dentro desse set improvisado, o essencial foi reinventar com o que eu tinha à mão: dois ring lights, um banquinho e um edredom, recursos simples que, juntos, me permitiram explorar luz e sombra e dar forma à inquietude, mesmo entre as limitações do espaço.



Fotografar foi o caminho que encontrei para dar corpo ao que antes vivia apenas na escrita. Dentro do meu antigo quarto, nasceram as primeiras imagens de um corpo ainda contido — tímido, medroso, parcialmente velado — mas já pulsando na vontade de rasgar fronteiras imaginadas. Comecei criando um ambiente escuro e íntimo: uma luz baixa recortava as silhuetas de um corpo coberto por tule flocado branco, revelando gestos contidos, quase sufocados. À medida que o movimento se libertava, o corpo emergia debaixo do véu — uma dança de luta e desprendimento, um rasgar de camadas que, antes, o mantinham preso.

Para acompanhar essa transição, intensifiquei a luz, deixando mais nítidos os contornos, as dobras do tecido, as linhas que se expandiam. Essa mudança não apenas revelava mais do corpo, mas também abria caminho para experimentações na pós-produção, multiplicando as possibilidades de leitura das imagens capturadas.

Assim, cada clique se tornou uma continuação das poesias, palavras-sentimento e memórias evocadas. Uma tradução sensível daquilo que nasceu escrito e agora transbordava em forma e movimento.



Depois de trabalhar com o tecido, busquei um experimento mais visceral: a sensação de arrancar a própria pele. Usei elementos simples de casa para criar uma experiência que expressasse desconforto, dor e estranheza, permitindo realizar esse gesto de forma genuína. No início, testei com papel filme, mas ele perdia a aderência com o suor, tornando difícil dar continuidade às fotos — além de não me provocar o bastante para mergulhar profundamente naquele estado de desconforto.

Pesquisei técnicas que pudessem criar o efeito desejado, mas encontrei apenas maquiagens que não correspondiam ao que eu imaginava. Foi então que me lembrei de algo da infância: passar cola branca na pele para depois puxá-la, arrancando pequenas camadas como se fosse pele falsa. A lembrança me acendeu uma possibilidade.

Na primeira tentativa, apliquei a cola pura, mas logo percebi que era espessa demais e demorava a secar, mesmo espalhando bem. Decidi diluí-la com um pouco de água, o que acelerou o tempo de secagem e deixou a película mais fina, porém ainda resistente. O contato prolongado causou uma leve reação alérgica, que intensificou ainda mais a força da performance, tornando-a real, incômoda, viva.

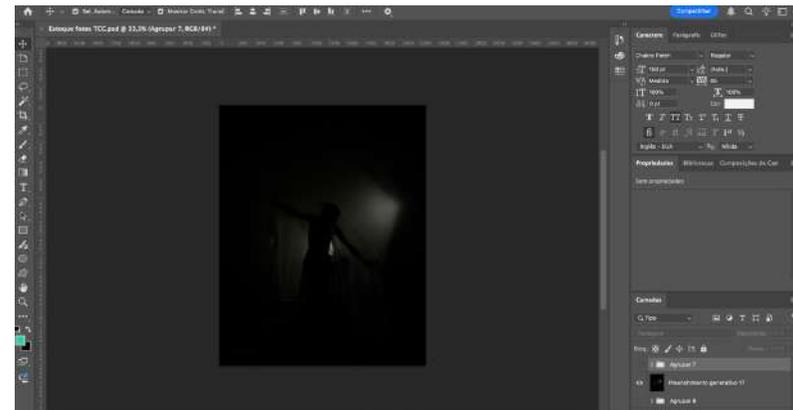
Foi nesse experimento que o corpo se forçou a esticar, encolher, romper barreiras, abrir frestas — alcançando



lugares até então inexplorados.

Para a edição das fotos, não segui um planejamento rígido, nem defini antecipadamente quais efeitos ou ajustes aplicaria. Assim como em outras etapas do projeto, deixei que o processo fosse experimental dentro do Photoshop, permitindo que cada imagem se reinventasse no próprio ato de edição.

Nesse percurso, explorei livremente as ferramentas do software: removi fundos para isolar o corpo no espaço, alterei cores para intensificar atmosferas emocionais, testei diferentes níveis de limiar para criar contrastes mais



marcantes, experimentei degradês, modos de mesclagem como o dissolver, além de ajustes finos no Camera Raw. Cada intervenção foi guiada pelo diálogo entre imagem, sensação e intenção poética. O improvisado e a descoberta foram essenciais para que a edição não se tornasse apenas um acabamento técnico, mas uma camada viva do gesto artístico.



Após a fase da fotografia, mergulhei na ilustração e na pintura, alternando entre essas linguagens ao longo do processo criativo. Para as ilustrações, comecei explorando hidrocor e lápis pastel oleoso — materiais que me permitiram traçar emoções e sensações com textura e cor. O processo, porém, era intenso e, em alguns momentos, exaustivo. Mergulhar tão fundo no tema me trouxe uma sensação de sufocamento e paralisou minha criação por um tempo. Para romper essa inércia, inventei uma dinâmica que me ajudasse a respirar e, ao mesmo tempo, a seguir criando.

Usei materiais simples de escritório para montar uma roleta improvisada, feita com cliques e alfinetes, girando-a sobre um papel numerado de 1 a 8. O número sorteado indicava quantas palavras-sentimento eu deveria escolher para inspirar a ilustração daquele instante. As palavras, escritas em pedaços de papel, foram recortadas, dobradas e sorteadas uma a uma.

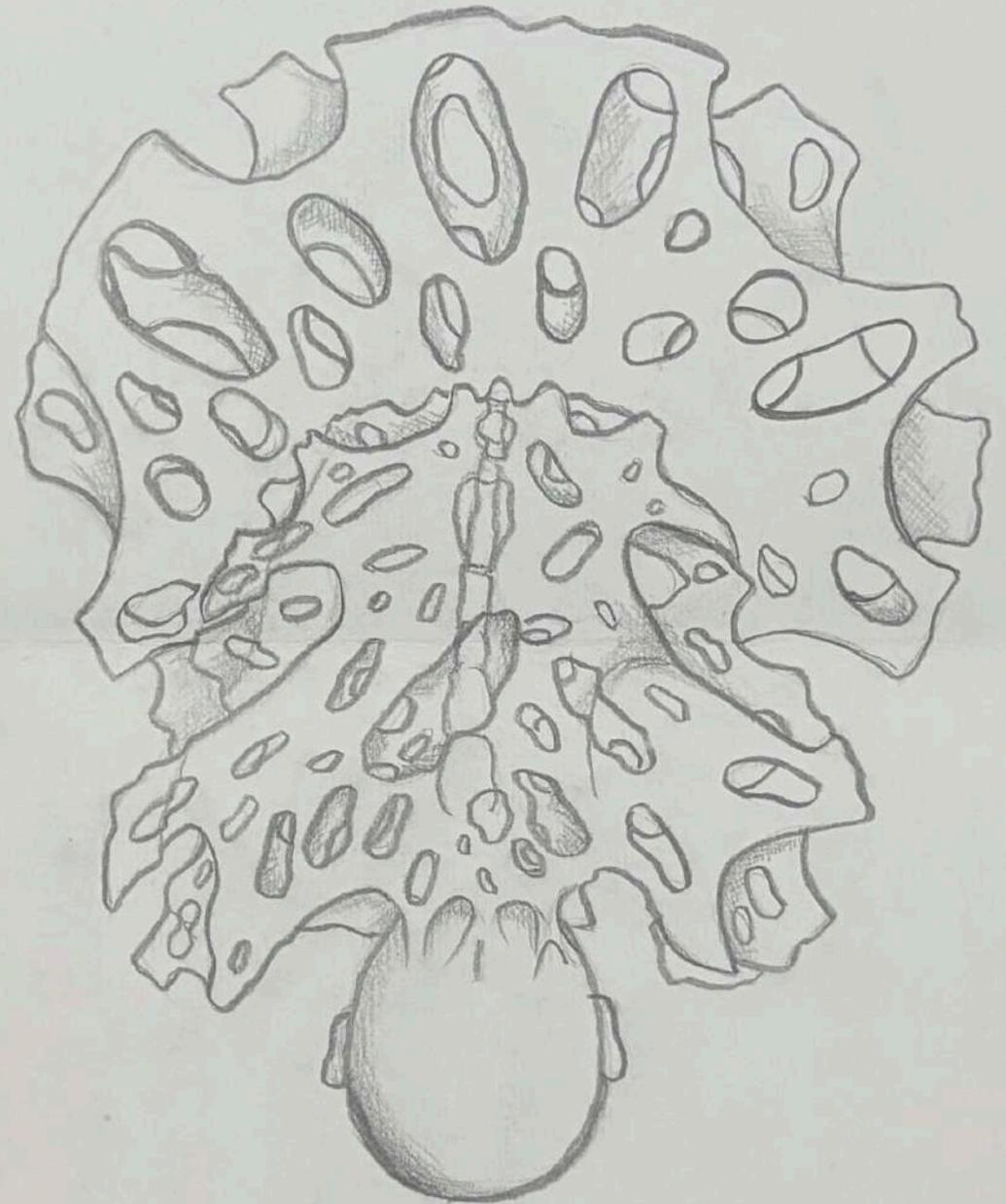
Cada palavra era ligada a um pequeno quadrado de papel, um espaço reservado para traduzir visualmente aquela sensação ou conceito. Com essa técnica lúdica, consegui produzir diversas ilustrações e abstrações, que trouxeram não só imagens, mas também novas inspirações para o restante do trabalho.



De volta à prática manual, iniciei os primeiros traços das ilustrações e pinturas, desta vez sem a dinâmica lúdica que havia criado antes. Retornei ao mergulho profundo no sentir intenso das memórias. Apesar do desgaste, reconhecia a importância de atravessar esse caminho para criar algo verdadeiro, que pulsasse junto com o que eu precisava dizer.

Comecei a desenhar com lápis grafite B4 sobre papel com 30% de algodão, projetando corpo, mente e emoção em cada linha. Assim surgiram imagens que dialogavam com temas já explorados: o núcleo opressor, disfarçado de proteção, que prende e desestabiliza. Foquei nos detalhes, nas partes do corpo dominadas por essa falsa proteção. Algumas ilustrações permaneceram no grafite, outras ganharam cor com o uso da tinta. Em várias páginas, investi em técnicas de chanfro e sombreamento para criar profundidade e dar peso à expressividade dessas formas.

Em outro momento, desenhei corpos que se esticam, tensionam e buscam romper esse núcleo — imaginei-o como uma gosma pegajosa que puxa de volta, exigindo força e coragem para se libertar. O sombreado e os volumes intensificaram essa luta silenciosa, mas pulsante.



Após concluir o trabalho com grafite e dar os primeiros passos na pintura, senti a necessidade urgente de trazer o movimento para o processo — meu corpo clamava por liberdade, por movimentos soltos que escapassem da rigidez dessa cápsula densa onde me encontrava. Busquei inspiração na dança. Preparei o quarto para uma nova performance: luz amarelada, celular para gravar, e me despir de qualquer julgamento arraigado. Dancei. Dancei ao som de Pitty, mergulhando na disrupção, e ao som do álbum EUSEXUAL da FKA twigs, evocando a estranheza em sua forma mais livre e solta. A partir desses vídeos, surgiram as bases para as novas pinturas, inspiradas nas poses, nos movimentos e nas possibilidades que eles traziam.



Depois do destrave do corpo em dança e liberdade — tal qual Ney Matogrosso em sua performance de “Eu quero é botar meu bloco na rua” — busquei essa mesma sinergia ao voltar para as telas montadas em chassi. Mas, depois de algumas tentativas, senti que as pinturas não pulsavam na mesma frequência da dança que eu havia vivido. A textura da tela e a rigidez do chassi pareciam me conter de novo. O que eu produzia não me empolgava, não conversava com o turbilhão que se agitava dentro de mim. Foi então que me propus um novo risco, algo que sempre me move: experimentar o inédito. Resolvi me lançar na aquarela, técnica que até então era um território desconhecido para mim.

Essa escolha, tão intuitiva, acabou se tornando uma das mais significativas dentro do experimento em papel. A aquarela, com sua fluidez e imprevisibilidade, me permitiu dançar de novo, agora junto aos pincéis, enquanto tinta e água coreografavam seus próprios caminhos sobre o papel 100% algodão. Trabalhar com uma técnica que não se deixa conter, que se espalha sem pedir licença, me fez mergulhar ainda mais fundo no processo criativo.

A relação entre tinta, água e gesto — o espalhar de cada pincelada, o escorrer lento, quase vivo — foi a faísca que deu mais sentido a tudo. No começo, busquei traduzir sentimentos em cores e respingos, explorando rompimento, rebeldia, vibração, entusiasmo. Aos poucos, direcionei essa dança líquida para dar forma ao ser estranho, o ser que se desata, aquele que abraça a metamorfose como estado natural.

Os primeiros resultados não me convenciam: pareciam distantes do que eu precisava dizer. Mas, depois de muitos testes, paciência e observação atenta dos movimentos

do corpo solto na dança, os papéis foram se enchendo de vida. As combinações de cores, as camadas sobrepostas, o vai e vem da tinta simulando múltiplos momentos de um mesmo gesto, tudo foi se tornando tão experimental quanto eu desejava. Desafiador e, ao mesmo tempo, libertador.







Ao organizar todos os materiais e revisitar cada criação isoladamente, ficou nítida a influência das poesias e palavras-sentimento. A partir delas, percebi que certos sentimentos se repetiam — não de forma linear, mas formando um ciclo que lembrava o movimento de morte e renascimento, de estranheza, desconforto, receio, reflexão, ruptura, empolgação, encantamento e de segurança. Com isso, pude agrupar as poesias nessas sensações, mapeando onde cada material se encaixava dentro desse fluxo.

Quando levantei tudo o que havia sido produzido, percebi que a quantidade de obras era extensa demais para caber em um único livro-objeto. Foi preciso filtrar os materiais já organizados por sentimento e, a partir disso, dividi-los em três grandes momentos, que ganharam seus nomes na escrita deste documento: Nô, que reúne estranheza, desconforto e receio; Desatar, que envolve reflexão, ruptura, empolgação e encantamento; e Ser, que acolhe a segurança conquistada.

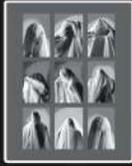
Em seguida, refinei ainda mais o que comporia cada livro-objeto, escolhendo quais materiais dialogavam melhor com a essência de cada parte. Assim, o que antes seria um único livro expandiu-se, quase por vontade própria, para uma trilogia. Uma travessia aberta, que não precisa seguir uma ordem rígida, mas que se abre como um ciclo vivo.

NÓ

Estranheza



Desconforto



Receio



DESATAR

Reflexão



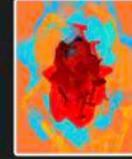
Ruptura



Empolgação

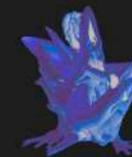


Encantamento



SER

Segurança



Nó

Como fumaça me sufoca,
me embarga, me inflama.
Vem me visitar em momentos de
ânsia.
Não respeita, nem espera.
Me revira o avesso.
Lá vejo o desejo.
Por que dói?

Receio de ser, de sentir, de seguir.
Receio de ter, de viver, de
desabrochar.
Receio da água gelada do balde de
quem joga.
Receio de voar com asas tão lindas e
fortes porque disseram "tenho receio
por elas".
Receio de desejar, de chorar, de pular.
Receio de correr, de mexer na ferida,
de tirar o band-aid.
Tantos receios que tenho receio de
me tornar apenas o dito aqui.
Receio.

Ele tá me destruindo,
Cada dia um pouco.
Corro, me escondo
Sem sucesso!
Me achou e novamente...
Cá estou no labirinto
E a trilha do abismo está mais perto.
Luto para ir de contra.
-Seu infame! Me deixe em paz!
Grito silencioso no meu peito
conturbado.
No rosto, pacífico...
Mas meu desespero inominável dita
-labirinto, labirinto, volte!
Preciso sair, preciso!

Marcada por **conflitos**,
contradições, **transformações**.
Sentindo o insuficiente por
convicções alheias
que puxam e afogam, e afogam.
A velha opinião hereditária
A vilã que fez morada nas
mentes antigas e que invadem e
bombardeiam as mentes jovens
em nome da **rotulação** exemplar.

Desatar

Marcada por **conflitos**,
contradições, **transformações**.
Sentindo o suficiente, agora.
É chegada a hora de largar os
dogmas
E olhar a existência **dialética**, a
impermanência do ser,
a **fluidez**, a **fragmentação**, o
desapego, a **rebelião**.
O caos vem como ruptura dessa
oralidade, dessa única verdade.
Vem como caminho para
reinvenção.

Fecho os olhos
Fluxo constante
Mente **mutante**
Peito **acelerado**
Estômago **anárquico**
Eu sinto.
Eu sinto, eu sinto!
É hora de **renascer**.

Inquiete-se.
Questione-se.
Sinta a **agonia**.
A **agonia da mudança** do estado
que antes era outro.

A vida, comudança,
te faz bailar no **embalo**
do vento que sopra e **muda**
de direção.
Um passo diferente pode alterar
o **balanço** e o **ritmo**.
Seja **experimental**, seja **existencial**,
seja a dupla da dança.

Ser

O dia mais importante da minha vida foi
quando ganhei um pouco de senso crítico.
Quando parei de enxergar a vida com teus
olhos.
Quando não mais escutei o mundo do
modo que disseram ser o correto.
Quando parei de reproduzir balelas que as
más bocas repetiam.
Quando sentir o bem na pele fazia mais
sentido do que tentar arranca-lá.
O dia mais importante da minha vida foi
quando ganhei a mim.

Que boníteza!
O caos abraçando a ordem.
A ruptura fragmentando a
obviedade.
O corpo tomado pela
diversidade.
Sobrepondo e reiventando a
impermanência
à identidade.

Por que o caos parece tão lindo
daqui?
Parece que ele sempre esteve me
esperando para dançar a vida com
ele.

Após esse momento de organização dos materiais, parti para aprofundar os caminhos da construção do livro-objeto. Para isso, resgatei o livro *Indie Publishing: How to Design and Produce Your Own Book*, de Ellen Lupton (2008), que introduz o leitor aos processos essenciais da publicação independente, reunindo exemplos práticos, instruções detalhadas e reflexões sobre a autonomia do autor-editor.

A obra propõe um olhar experimental para a produção editorial, valorizando a liberdade criativa na escolha de formatos, técnicas de encadernação e modos de circulação. Essa leitura foi fundamental para ampliar minhas possibilidades, sobretudo, por apresentar estratégias acessíveis de prototipagem e reafirmar o livro como um objeto vivo, mutável e aberto a múltiplas materialidades.

Essa compreensão consolidou minha decisão de romper com a estrutura tradicional de um livro encadernado de forma fixa. Para este projeto, interessa-me justamente explorar o livro como experiência sensível e interativa.

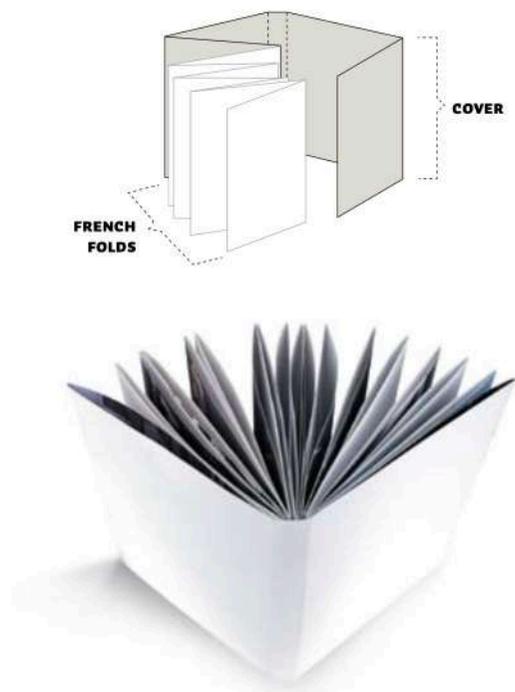


Impulsionada pela leitura, fui buscar novas referências para expandir ainda mais o campo de experimentação. Criei uma pasta no Pinterest onde reuni inspirações das quais poderia me nutrir. Passei a observar com atenção trabalhos que exploravam folhas vazadas, recortes, dobras, sobreposições, encadernações não convencionais, costuras e outras manualidades capazes de transformar o livro em um território tátil e surpreendente.



Nó

Para o livro-objeto *Nó*, escolhi o formato circle accordion, uma referência que encontrei no livro de Ellen Lupton. Sua estrutura — uma única folha longa, dobrada em sanfona e envolta por uma capa que prende suas extremidades — cria a sensação de continuidade e de um fio que se enrola em si mesmo. Essa forma abraça o conceito que o nome carrega e se conecta profundamente com as peças reunidas neste volume, potencializando a ideia de amarração, contenção e repetição que o *Nó* propõe explorar.



Antes de partir para a versão final, senti a necessidade de entender com as mãos como seria sua construção. Embora Ellen Lupton classifique o circle accordion como um formato de execução simples, no meu caso o desafio era outro: não trabalharia com uma única folha, mas com páginas A4 individuais, que precisariam ser unidas pelas extremidades para criar a continuidade desejada. Para ligar as páginas, usei fita crepe (resistente, quase imperceptível sobre o papel) conectando cada folha até formar o corpo dobrado. Em seguida, preparei a capa, seguindo o mesmo princípio: fixei suas pontas à primeira e à última página, selando a estrutura contínua típica desse formato.

Com o protótipo pronto, folheeí cada dobra com cuidado, observando como o livro se comportava nas mãos. A estrutura fluía bem, mas senti vontade de criar pequenas intervenções que trouxessem mais presença ao toque, uma leve resistência, um desconforto que obrigasse o leitor a manusear o objeto com atenção. Para isso, costurei a capa junto às páginas, gerando uma tensão proposital ao folhear. O resultado me satisfez, mas ainda deixei em aberto se essa costura permaneceria na versão final.



Na construção do *Nó* definitivo, mantive as premissas testadas no protótipo, mas introduzi mudanças essenciais. Diferente da versão inicial, que usava apenas uma folha de papel, para a capa escolhi uma estrutura mais rígida, utilizando papelão Paraná — material tradicional em capas artesanais — para intensificar a sensação de proteção e contenção.

Além disso, adaptei a capa para que se relacionasse mais profundamente com o conteúdo. Recortei suas extremidades em formas ovais e diagonais, lixando para suavizar o acabamento e criando aberturas sutis. Para o revestimento, usei papel cartão preto e o mesmo tule empregado na performance fotográfica, formando um efeito de camadas sobrepostas. Uma proteção densa, quase sufocante, mas ainda assim acolhedora.

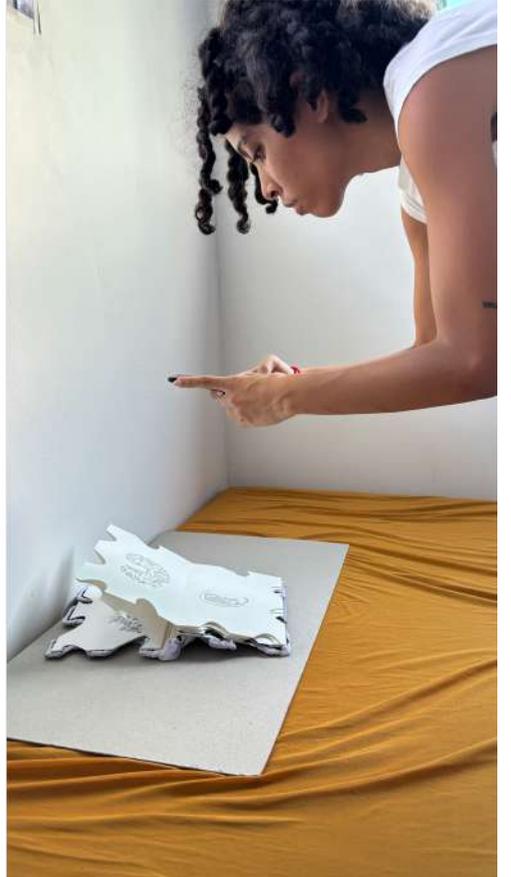
Repeti o recorte oval em algumas páginas internas, costurando um diálogo visual entre miolo e capa. Assim, o *Nó* se fez corpo: tenso, contido, mas repleto de frestas por onde a inquietude se move.



Para as poesias, reservei espaços cuidadosamente marcados, alinhando o texto de forma justificada, em um enquadramento limpo e organizado, reafirmando a essência do objeto.

Depois, aproveitei a luz natural do meu quarto e montei um cenário simples para um ensaio fotográfico, explorando a estrutura do livro-objeto sob diferentes ângulos e perspectivas.

Assim concluí o *Nó*: um livro-objeto que, em cada detalhe, materializa o entrelaçamento de estranheza, receio e desconforto. Fios que costuram esta primeira etapa do meu processo metamórfico.





Markada por conflitos e contradições.
Sentindo o insuficiente por condições alheias
que puxam e afogam, e afogam.
A velha opinião hereditária
que invade e habita nas mentes antigas
doem em nome da retulagem exemplar.



Ela ta me destruindo, cada
dia um pouco.

Corino, me escondo sem sa-
no!

Me achou novamente...

Cá estou no labirinto e a mulher
do abismo está mais perto.

Luto para ir de contra...

- Seu infame! Me diga em
paq!

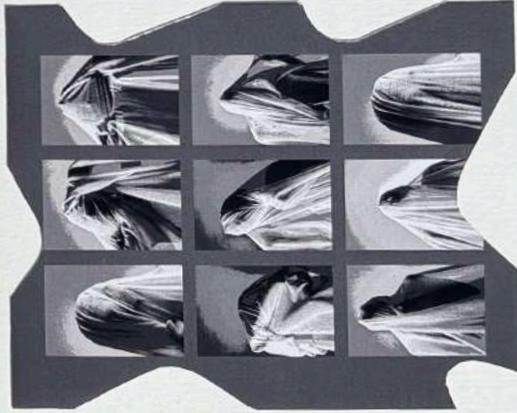
Grito salmencioso no meu peito
conturbado.

No rosto pacífico...

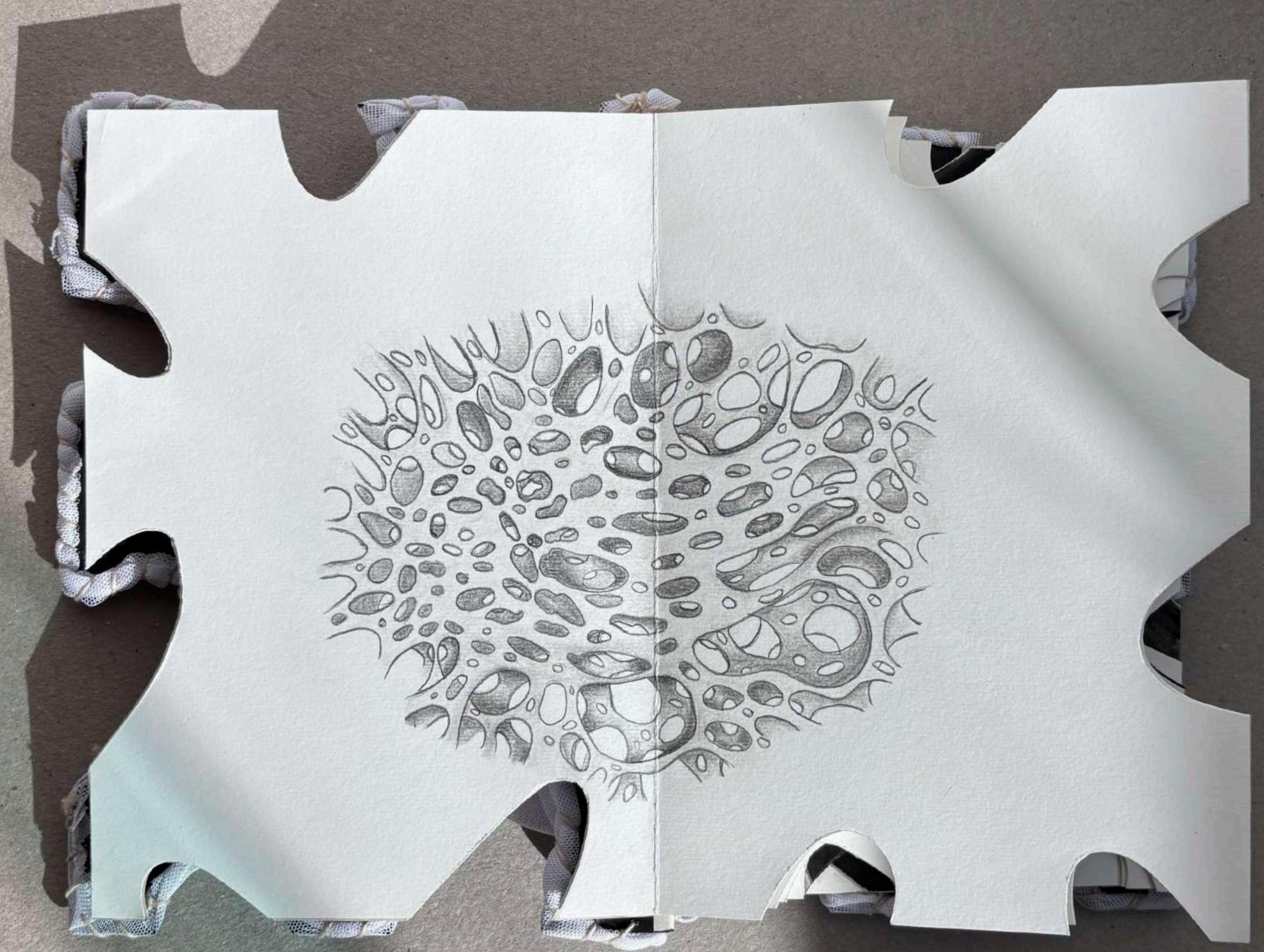
Mas meu desejo pelo inominável dito

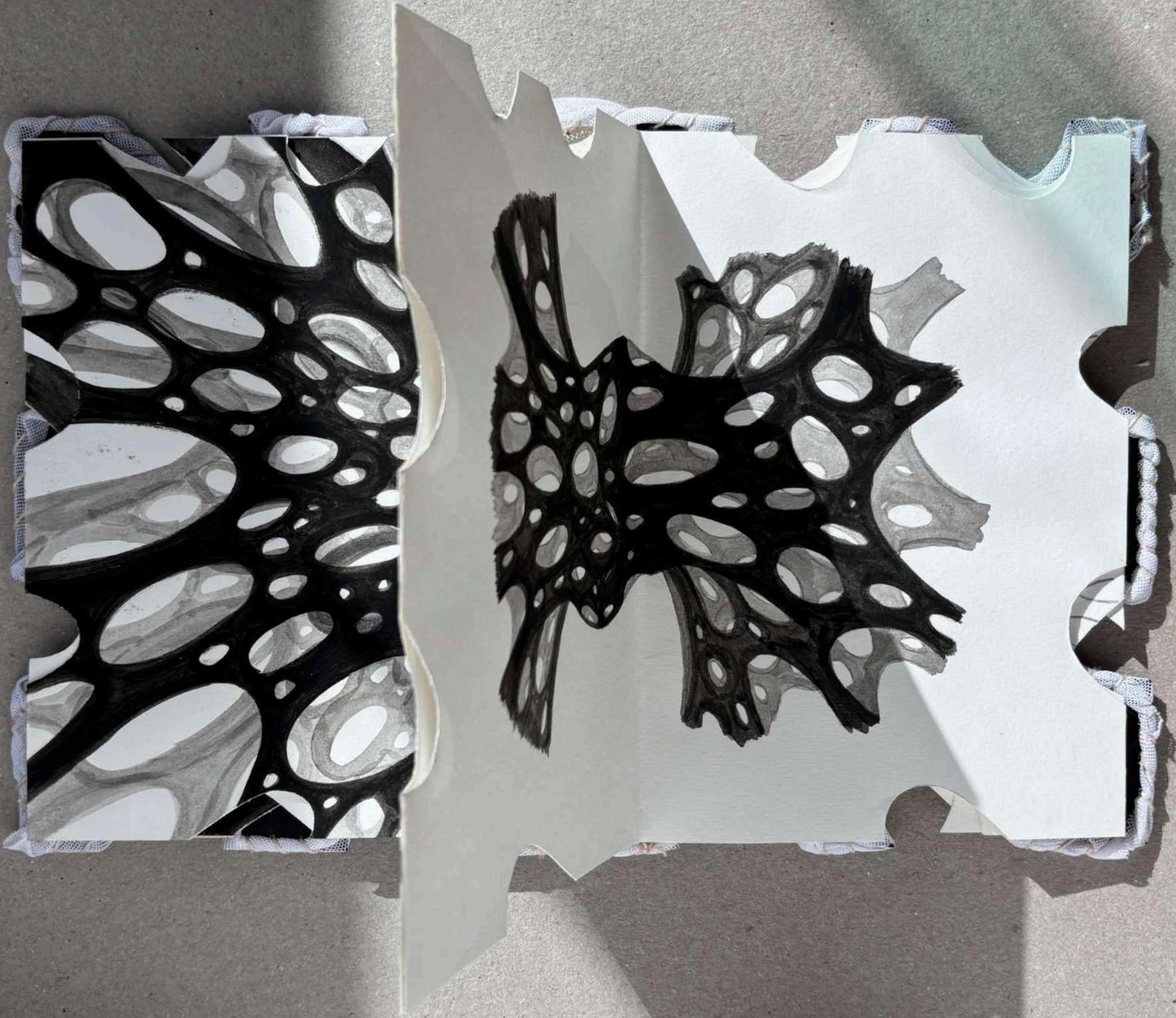
- Labirinto, labirinto, volte!

Preciso sair, preciso!











Desatar

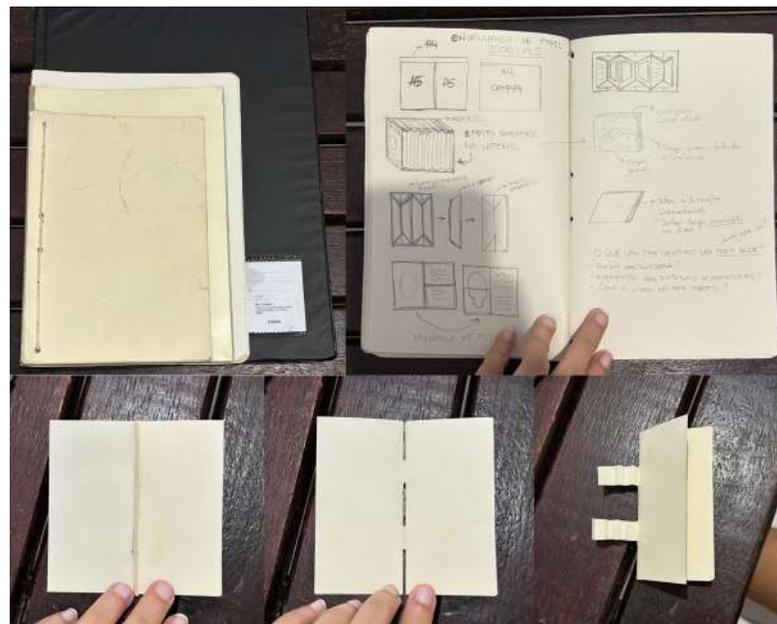
Iniciei a construção do livro-objeto *Desatar* reunindo as produções que melhor traduzem as fases que o nome carrega: reflexão, ruptura, empolgação e encantamento. Com essa seleção em mãos, comecei a imaginar como o livro poderia, em sua forma, expressar o mesmo movimento de liberdade e transformação que pulsa em seu conteúdo.

Para esta criação, não queria um livro preso por costuras ou grampos, mas sim um objeto que se movesse, se abrisse, se reinventasse. Um livro livre, como o próprio tema sugere.

Comecei definindo o formato, cogitei manter as páginas em A4, mas preferi dobrá-las para A5, buscando um manuseio mais íntimo e leve. Surgiu então o desafio: como unir essas páginas sem que se sobrepussem ou escondessem umas às outras? Pesquisei dobraduras, encaixes, esbocei possibilidades, mas nada dialogava com a leveza e mobilidade que eu queria.

Depois de novas buscas, encontrei uma técnica de encadernação em que pequenos cortes nas extremidades das folhas, permitem encaixá-las em uma tira de papel dobrada. Essa dobra cria uma fresta por onde passa outra tira, funcionando como uma dobradiça — as páginas se mantêm fixas, mas podem ser removidas com facilidade, como se respirassem.

Para entender melhor o mecanismo, construí uma pequena boneca, prevendo possíveis falhas antes de avançar para a versão final. Na escala reduzida, tudo funcionou como imaginei: as páginas ficaram estáveis, mas podiam ser soltas sem esforço, revelando as obras por inteiro.





Encerrada a fase de testes, avancei para organizar a sequência de imagens e poesias. Imprimi versões reduzidas das obras e experimentei diferentes combinações, buscando criar um fluxo coerente, mas que também surpreendesse. Aos poucos, percebi que algumas páginas pediam outros arranjos e que, em certos casos, era mais interessante brincar com o comportamento do texto — explorando sua disposição, sobreposições e movimentos — do que limitar as experimentações apenas ao formato físico.

Com o caminho mais claro, parti para a versão final. Mantive o mesmo princípio do protótipo: para as tiras, escolhi papel reciclado A3 de 180g; para os cortes, usei estilete de precisão e régua metálica de 30 cm. Defini os cortes das extremidades em 1,2 cm, deixando a tira principal com 1 cm de largura (medida justa para um encaixe suave). A tira de travamento ficou com até 0,5 cm, ajustada de acordo com cada fresta.

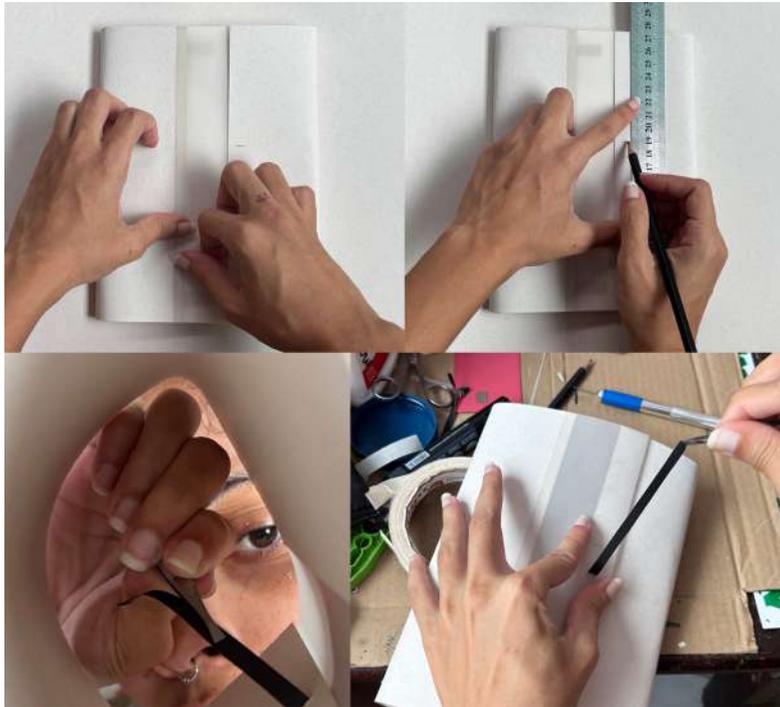
Montei tudo aos poucos, encaixando duas folhas por vez na tira principal e prendendo-as com a tira menor. Diferente do protótipo, decidi não atravessar toda a extensão

das páginas, para não ocultar partes das obras. Mantive as travas apenas nas extremidades, garantindo que toda a visualidade permanecesse exposta. Repeti o processo até que todas as páginas estivessem montadas.

Concluído esse molde, passei para a capa. Escolhi papelão Paraná para a estrutura, com acabamento interno em papel reciclado. Fiz os cortes da lombada e testei cada encaixe, ajustando sempre que necessário. Ao final, pedi à minha namorada que folheasse o livro — precisava ter certeza de que tudo resistiria ao manuseio real. Foi então que percebi um problema: as tiras de trava amassavam e algumas folhas se soltavam. O material não estava firme o bastante.

Testei papéis mais grossos, mas eles não encaixavam bem e acabavam danificando as fissuras. Persisti até encontrar uma solução: uma folha de papel vegetal 180g, comprada inicialmente para as fotos. Cortei novas tiras e, com uma pinça, fiz uma pequena "cirurgia de reconstrução" — e, dessa vez, tudo funcionou. As novas travas deram estabilidade e as páginas permaneceram fixas, mas ainda livres para se mover.



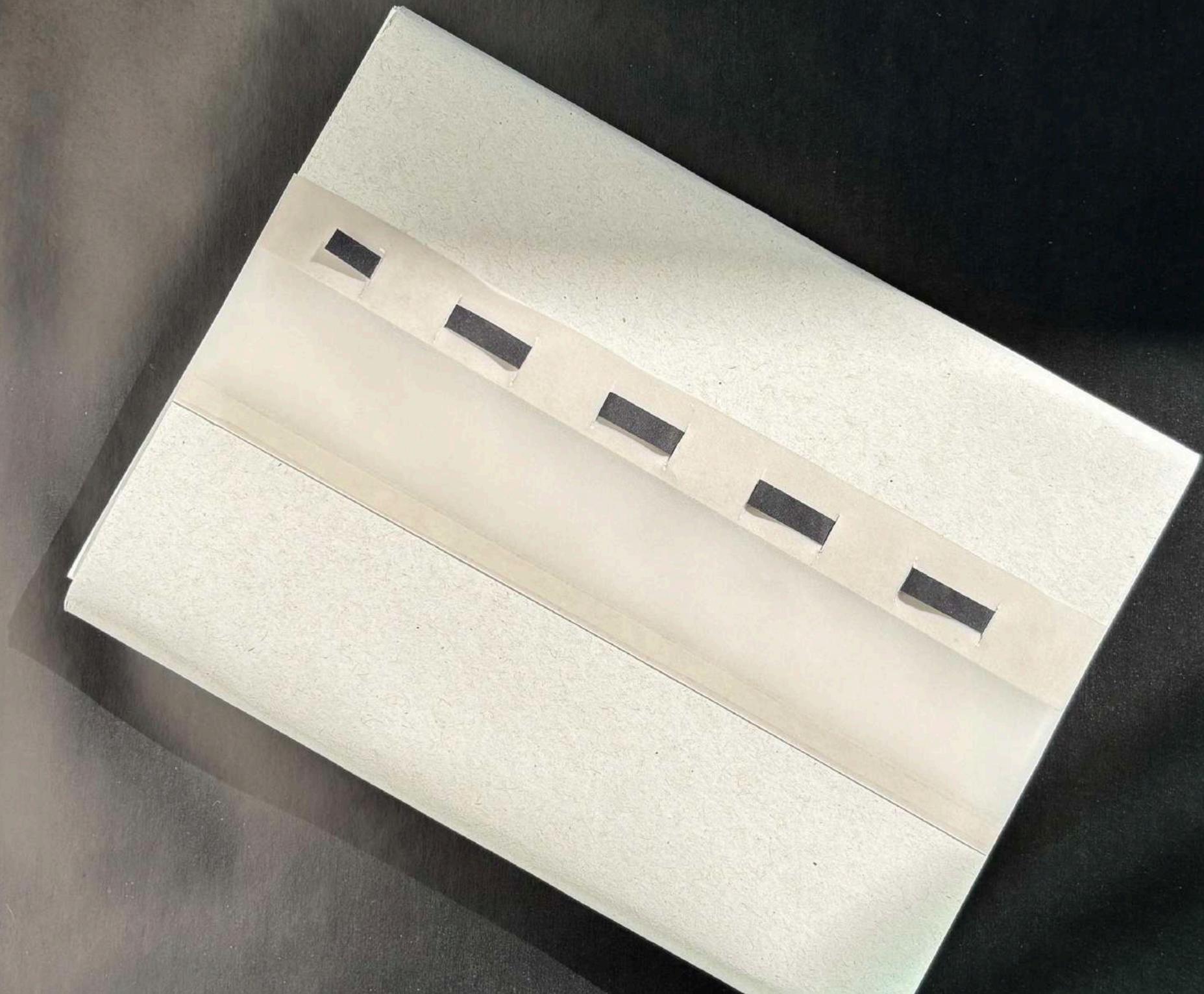


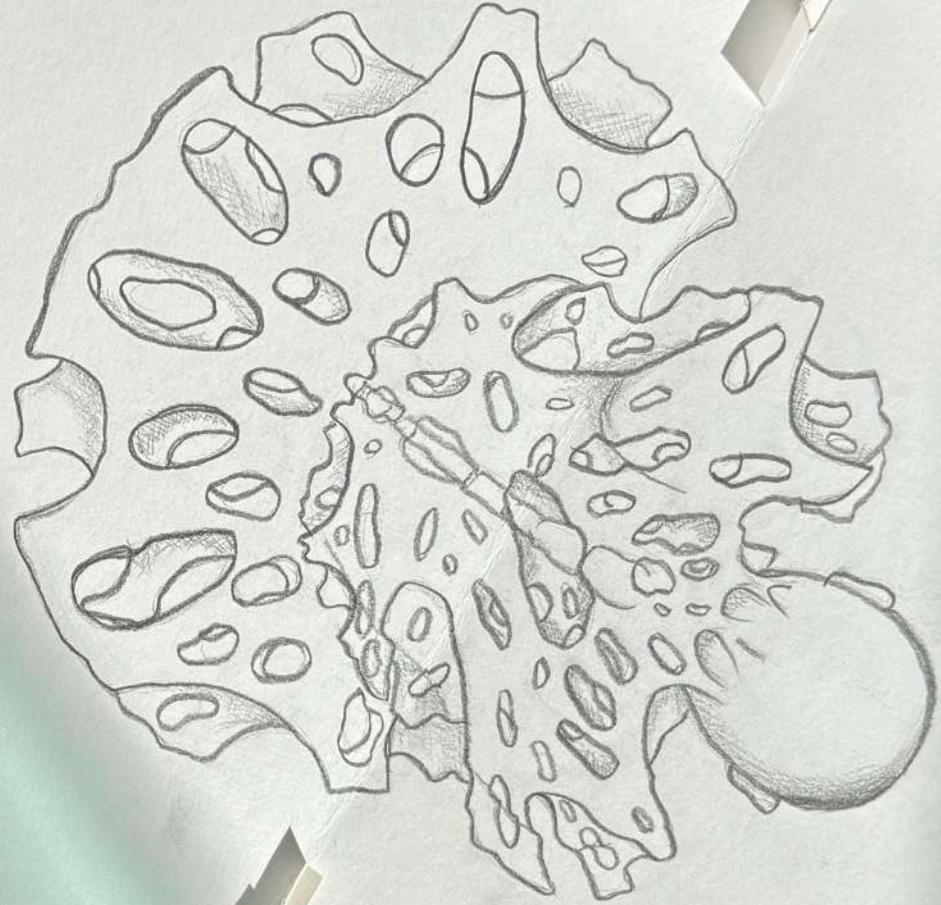
Só então, por fim, adicionei as poesias — ainda que tenham sido o ponto de partida do projeto, sua presença chegou por último, como uma camada que costura tudo. Escrevi cada poema à mão, de forma livre, sem me prender a regras rígidas de formatação, deixando que as palavras ocupassem a página conforme a força que carregavam. Brinquei com o movimento do texto, permitindo que os sentidos se espalhassem junto com a escrita.

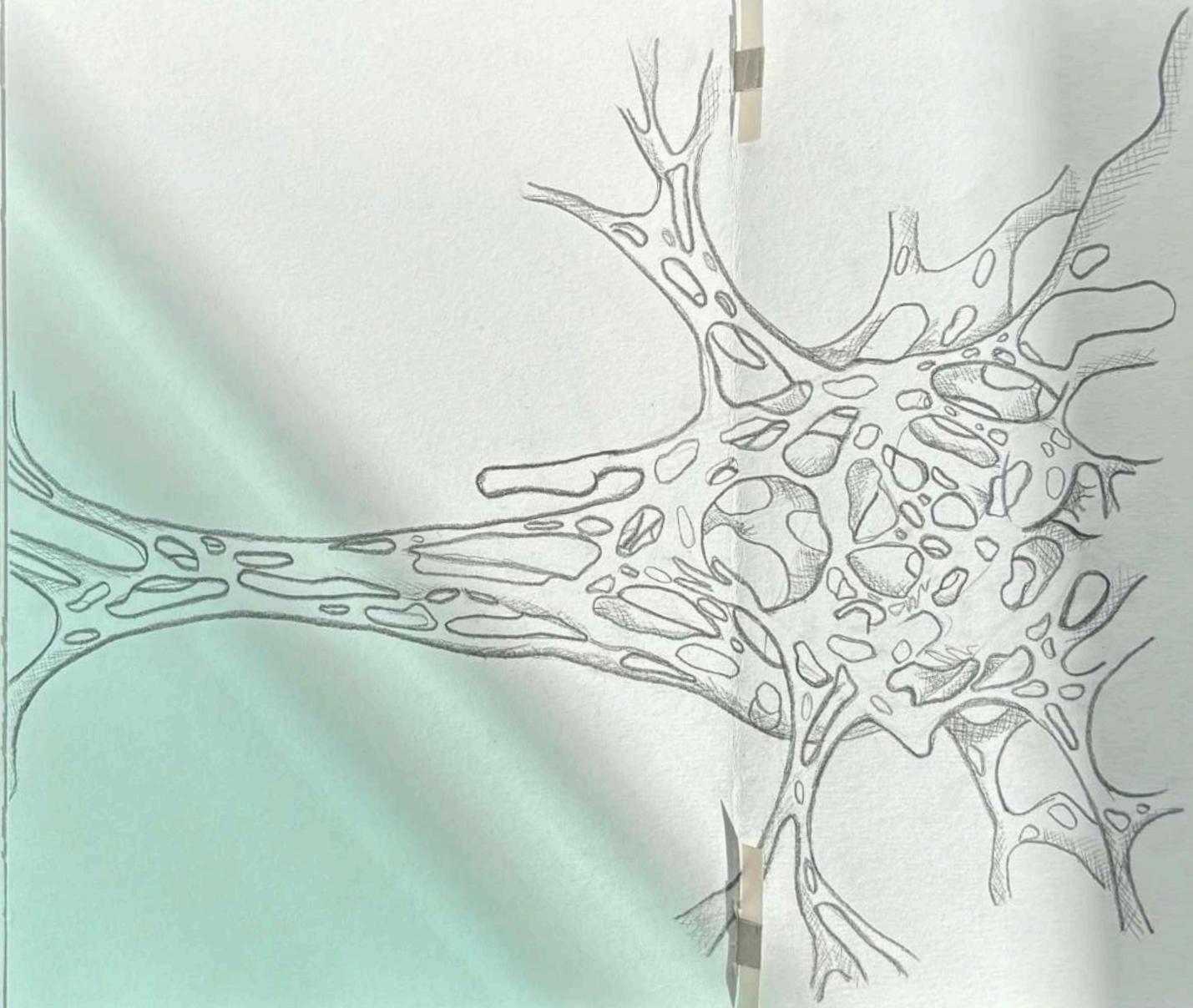
Para encerrar o processo, preparei um cenário simples para fotografar, assim como fiz no livro-objeto anterior, mas desta vez usando uma base preta. Assim se concreti-

zou este fragmento da trilogia. Um livro que, em forma e conteúdo, traduz a experiência de refletir, romper, encantar-se e libertar-se.

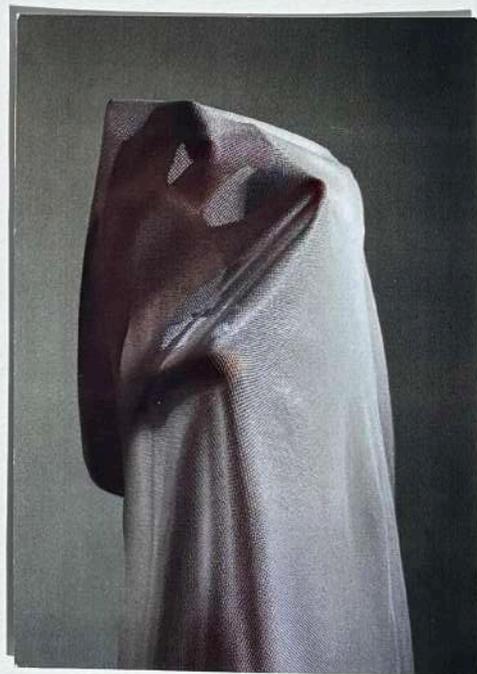








FECHE OS OLHOS
FLUXO CONSTANTE,
MENTE MUTANTE,
PEITO ACELERADO,
ESTÔMAGO ANARQUICO.
EU SINTO.
EU SINTO, EU SINTO!
É HORA DE RENASCER.





CONFLITO



INQUIETAÇÃO



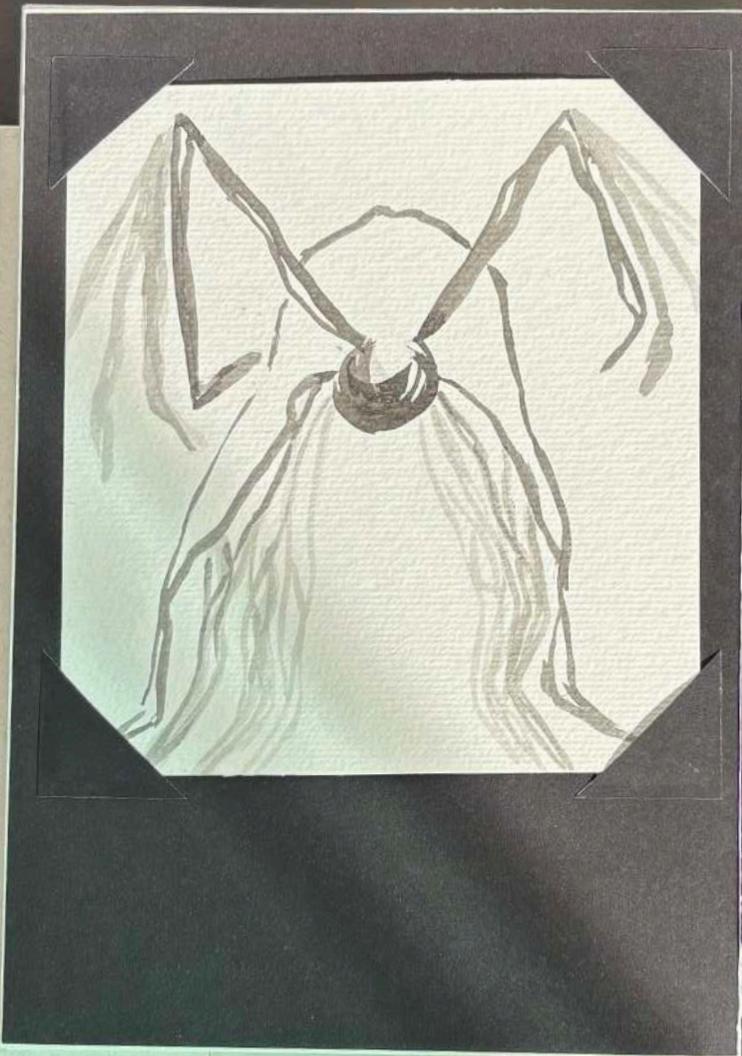
O CAOS NEM
COMO RUPTURA

REINVENÇÃO



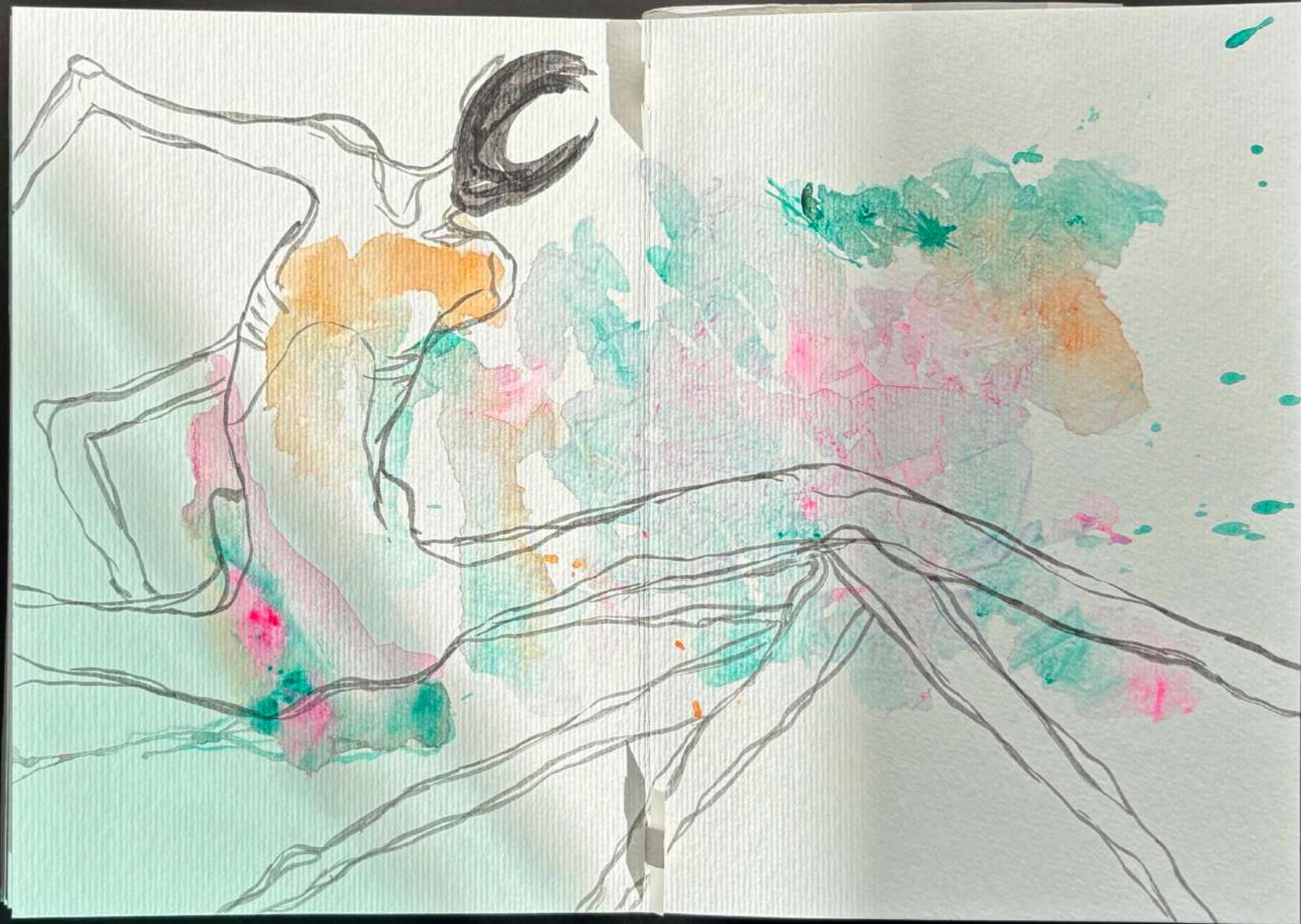
MUTAÇÃO





IN
COM
ESTE

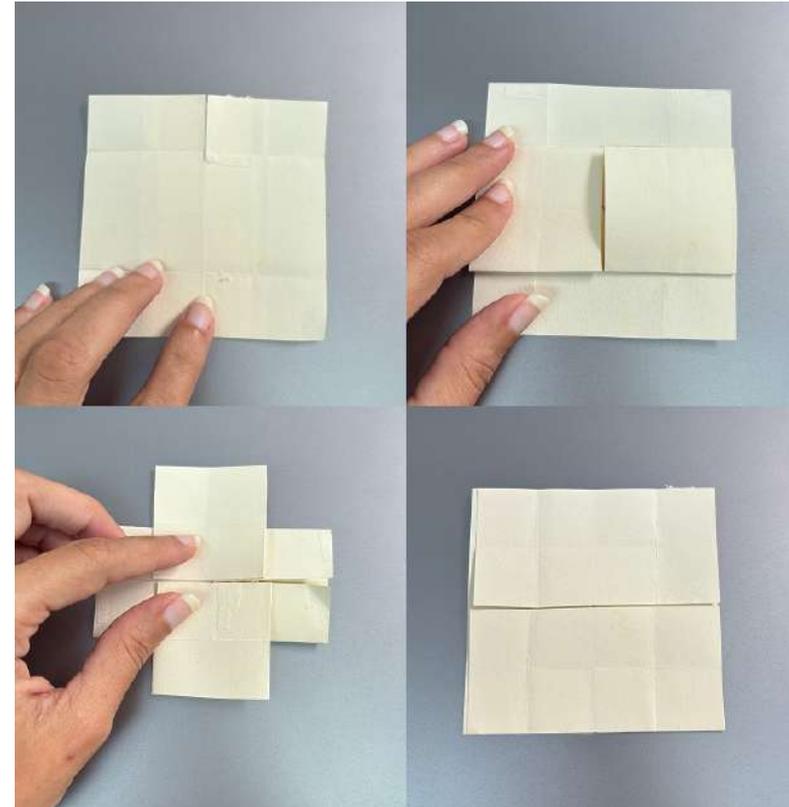
Inquiete-se.
Questione-se.
Sinta a agonia.
A agonia da mudança do estado
que antes era outro.



Ser

Para este livro, decidi investigar as possibilidades de movimento e transformação por meio de dobraduras — a mudança em ato. Resolvi, então, me aventurar na criação de cartões infinitos: uma estrutura que se abre continuamente, sem começo nem fim, simbolizando o fluxo e o estado de ser em constante renovação. A ideia é desenvolver uma série de cartões, cada um com diferentes obras e poesias que explorem essa temática. Neste primeiro momento, concentrei-me em criar apenas uma peça, para entender sua lógica construtiva.

Assim como nos experimentos anteriores, comecei produzindo uma boneca para testar a montagem. Cortei a folha em formato quadrado, detalhe essencial para garantir que a estrutura se movimenta sem travar. Em seguida, dividi o quadrado ao meio e dobrei as pontas, preparando as abas para colagem. Na primeira tentativa, cometi um erro: apliquei a fita dupla face também nas extremidades internas, o que travou o mecanismo e impediu o movimento contínuo. Corrigi o equívoco, removendo o excesso de fita, e, assim, o cartão passou a se abrir e fechar como deveria, revelando suas camadas sucessivas.



Com a lógica compreendida, avancei para a versão em tamanho real. Utilizei uma folha reciclável A4, cortando-a em um quadrado de 16 cm x 16 cm. Em seguida, dividi ao meio, dobrei abas de 4 cm nas extremidades e apliquei cuidadosamente a fita dupla face apenas nos pontos certos. Testei o mecanismo novamente, dessa vez, o movimento fluiu perfeitamente.

Apesar de já dispor dos materiais para compor o livro, e de seu corpo estar integrado à trilogia, percebi, ao avançar no processo, a necessidade de aprofundar a experimentação. Afinal, tratava-se de um livro-objeto inteiramente metamórfico, que exigia ainda mais atenção e entrega. Assim como aconteceu com as criações anteriores, que demandaram tempo e dedicação para ganhar forma e identidade próprias.

Como ressalta Salles (2007), o ato criador não se dá de forma instantânea, mas nasce de uma trajetória de ajustes, pesquisa, esboços e planejamento constantes. A narrativa da inquietude, nesse contexto, revelou-se um processo ainda mais complexo, contínuo e disciplinado, exigindo mais tempo, cuidado e entrega.

Para este livro em especial, iniciei o processo de escrita das poesias e a inserção das imagens de forma simultânea. Brinquei com lápis grafite, giz pastel e recortes de fotografias alteradas, criando colagens experimentais que dialogassem com o conceito, o formato e o movimento desse corpo em papel reciclado. Risquei, pintei, recortei, coleí sem pretensão, inspirada nas criações da dinâmica feita em outro momento, saiu os primeiros traços do *Ser*.

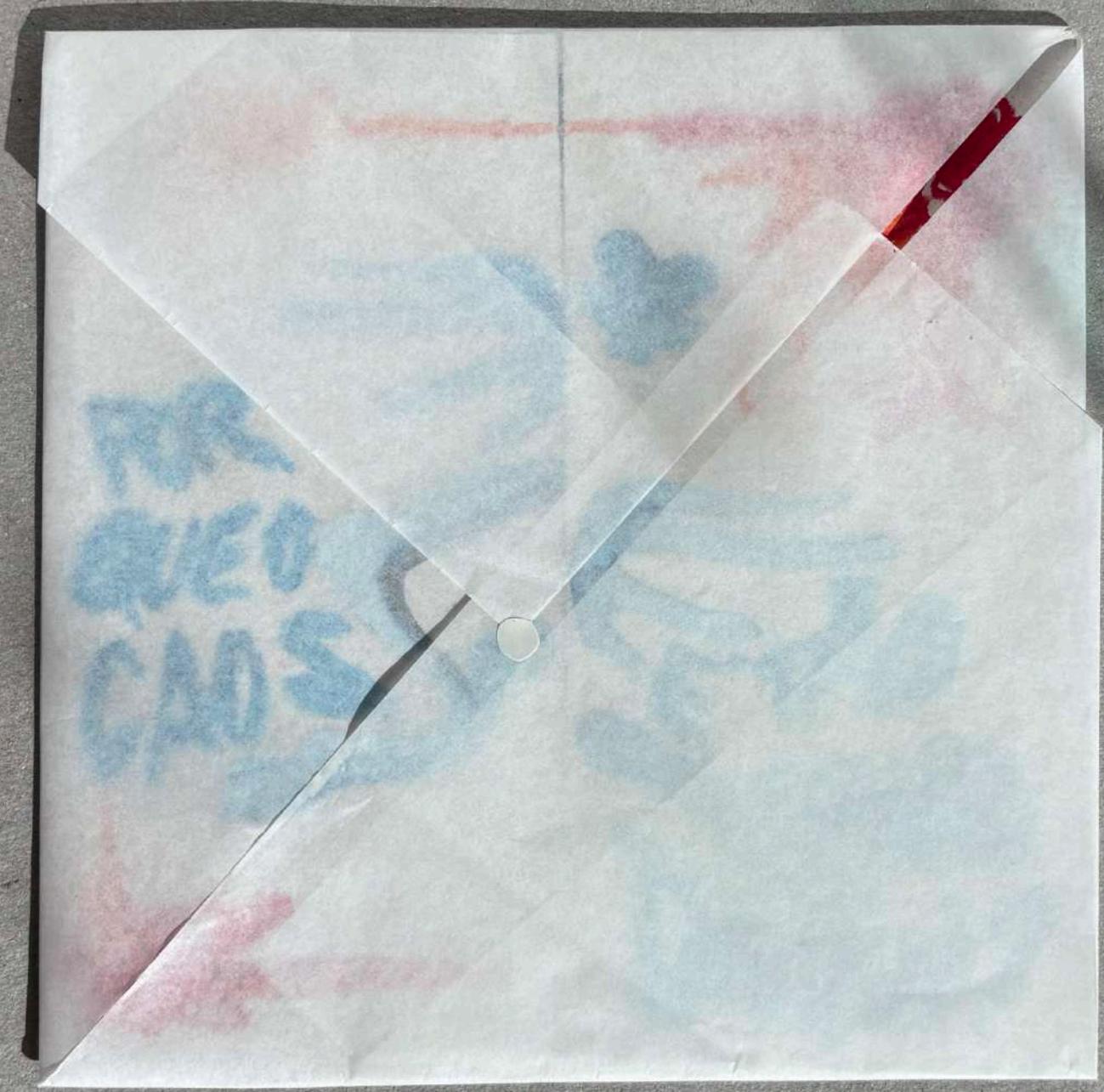
Ao final desse percurso, criei apenas uma parte do corpo do *Ser*, pois compreendi que este momento permanece em

construção — reflexo da própria essência do livro-objeto, que seguirá se expandindo com novas criações. Como já feito anteriormente, preparei um singelo cenário para a produção das fotos desse ser em construção.



No decorrer deste TCC, tornou-se evidente que cada etapa (das primeiras palavras-sentimento à materialização final) é expressão de uma metamorfose progressiva. A obra de arte, aqui na forma da trilogia de livros-objeto, nasce de um trabalho imersivo e experimental, em que cada decisão estética e sensorial traduz não apenas uma narrativa, mas também identidades, vivências e passagens essenciais.

Assim, a construção do livro-objeto vai além de um corpo puramente visual: torna-se ferramenta para intensificar emoções, sentidos e questionamentos, consolidando sua força como suporte artístico-narrativo, capaz de dar forma à inquietude e à sua potência de transformação.



FIVE
CANDLES

POR
QUE O
CAOS

E TÃO
BONITO
DAQUI?



QUE ILLI SEMPER



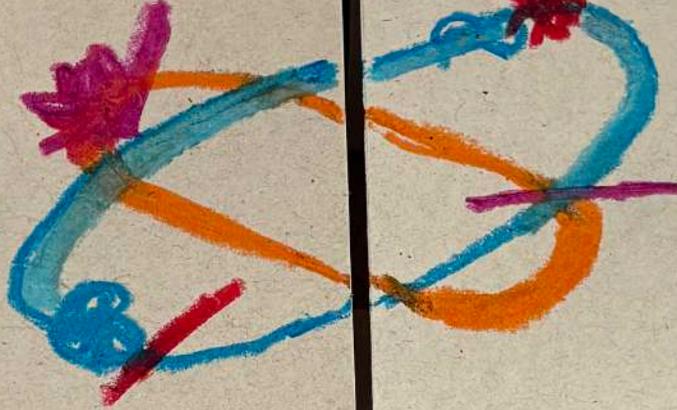
ESTEN
ME ESTE
RAN



RA

RA

QUE ELE SEJA



ME ESPERA

DANÇAR

ICAR



A VIDA COM ELE!

Próximos Passos

O livro-objeto *Ser*, terceiro e último volume da trilogia *Quando Ser Se Desata*, encontra-se atualmente em fase de construção, com conclusão prevista para outubro de 2025. Essa etapa final dará forma ao fechamento conceitual e material de todo o projeto, reunindo as camadas poéticas, visuais e experimentais que marcaram os dois primeiros volumes. Assim que finalizado, terá início a fase de publicação independente e circulação, guiada por princípios e estratégias inspiradas no livro *Indie Publishing*, de Ellen Lupton.

A proposta é que cada exemplar funcione como obra única e híbrida — livro, objeto de arte e cápsula poética — alinhando design editorial autoral, técnicas de encadernação artesanal e tiragens limitadas, garantindo autenticidade e valor afetivo.

A identidade visual da trilogia será consolidada em uma capa-coletânea que reúna os três volumes como um corpo único, mas que também permita que cada livro-objeto dialogue de forma autônoma com o público. Elementos gráficos, tipografia e acabamentos táteis serão cuidadosamente pensados para reforçar o caráter metamórfico e sensorial do projeto, traduzindo a inquietude como narrativa e forma.

A partir de 17 de novembro de 2025 — data escolhida por marcar o dia do meu nascimento — terá início a fase de divulgação da trilogia. Essa data simbólica aponta para o renascimento constante que o projeto propõe. A divulgação acontecerá em múltiplas frentes: materiais gráficos e audiovisuais inspirados nas páginas, texturas e fotografias do processo; teasers, ensaios fotográficos e vídeos

compartilhados em redes sociais, com foco em plataformas voltadas à arte independente; bastidores do processo de montagem manual, ressaltando o caráter artesanal e limitado de cada exemplar; além de lançamentos presenciais e virtuais, com rodas de conversa, performances e leitura de trechos poéticos.

A trilogia também será inscrita em feiras e mostras de publicações independentes, nacionais e internacionais, ampliando sua circulação em espaços dedicados a produções autorais. O objetivo é criar uma jornada de circulação lenta e orgânica, que permita encontros com públicos diversos, incentivando trocas afetivas e diálogos sobre inquietude, metamorfose e identidade.

Por fim, *Quando Ser Se Desata* seguirá aberta a desdobramentos futuros — como exposições, oficinas ou publicações derivadas — mantendo viva a força do livro-objeto como espaço de experimentação e testemunho poético.

Conclusão

Finalizar este trabalho não significa encerrá-lo por completo, mas reconhecê-lo como ponto de passagem dentro de uma jornada que é, por essência, inacabada. Ao longo deste caminho, compreendi que a inquietude, enquanto força motriz, se revela como potência de metamorfose (uma abertura constante para o que ainda pode vir a ser). Assim, este livro-objeto não encerra a inquietude, mas a materializa, ainda que provisoriamente, em camadas de texto, imagem e gesto.

A escolha por múltiplas linguagens — poesia, fotografia, ilustração, pintura — reafirma a necessidade de dizer o que a palavra sozinha não alcança. Revisitar memórias e afetos, diante da tensão entre conter e transbordar, foi também uma forma de resistência. A cada traço, clique ou página rasgada, reafirmo que memória não é arquivo estático, mas território de disputa e reinvenção.

O livro-objeto, em sua estrutura não linear, traduz essa busca por liberdade de movimento. Apoiada na prática da encadernação artesanal, optei por formatos que recusam a rigidez e convidam o leitor a manusear, desmontar, reorganizar. Assim, o objeto não se limita a conter imagens e textos, mas se torna, ele mesmo, performance.

A trilogia *Nô*, *Desatar* e *Ser* nasce do mapeamento de ciclos emocionais que atravessaram cada criação: estranheza, receio, ruptura, encantamento, segurança — uma lógica que ecoa o ritmo de morte e renascimento.

Este trabalho não pretende oferecer respostas ou sínteses fechadas. Ao contrário, busca abrir fissuras: entre uma palavra e outra, entre a imagem e o silêncio, mora a possibilidade de se reinventar.

Que este livro-objeto seja testemunho de um processo, mas sobretudo, um convite. Que a leitura, o toque e o olhar sobre estas páginas incitem novas inquietudes, novos movimentos de rasgar, costurar, libertar. Que, para quem folheia, reste a coragem de também desatar-se, quantas vezes for preciso.

Referências Bibliográficas

ABREU, Luiz Eduardo de Lacerda. A propósito de nossa inquietude. *Anuário Antropológico*, v. 43, n. 1, 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/3076>. Acesso em: 28 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.3076>.

BARCELÓ, Miquel. A Metamorfose de Franz Kafka. Gravuras e Pinturas. Disponível em: <https://www.arteporexcelencias.com/en/news/miquel-barcelo-metamorphosis>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. 1. ed. 2024. Disponível em: https://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-A_escrita_de_si.pdf. Acesso em: 30 jul. 2025.

HOOKS, bell. Olhares Negros: Raça e Representação. Trad. Maria Beatriz de Medina. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LORDE, Audre. Irmã outsider. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LUPTON, Ellen. *Indie Publishing: How to Design and Produce Your Own Book*. Nova York: Princeton Architectural Press, 2008.

PFEIL, Bruno Latini. A metamorfose como mecanismo de emancipação. *Revista Tapuia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 23 jun. 2024. Disponível em: <https://revistatapuia.com.br/ojs/index.php/revista/article/view/31>. Acesso em: 30 jul. 2025.

ROLNIK, Suely. Políticas da hibridação: evitando falsos problemas. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, n. 20, p. 10–25, jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cadernossubjetividade/article/download/38440/26100/0>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

SILVEIRA, P. A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. 319 p. ISBN 978-85-386-0390-0. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/2pwn4/epub/silveira-9788538603900.epub>. DOI: 10.7476/9788538603900. Acesso em: 30 jul. 2025.

TREUISAN, Rubens. Pascal, o apologista da inquietude. Síntese: *Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 19, n. 57, 1992. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1540>. Acesso em: 4 jun. 2025.

Referências Audiovisuais

FKA TWIGS. EUSEXUAL [S.l.]. Reino Unido: Young Recordings, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Kn-GSVIZGkQo&list=OLAK5uy_laLBKV565EeMALRODkbIEFSd17C-2nG_tU&index=1. Acesso em: 28 abr. 2025.

MATOGROSSO, NEY. *Eu quero é botar meu bloco na rua*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ne9RD1rba-M&list=R-Dbvhcr1CGP_o&index=8. Acesso em: 08 jun. 2025.

PITTY. *Admirável chip novo*. [S.l.]: Deckdisc, 2003.